

No Brasil em meados do século XX se desenvolveram os primeiros estudos a respeito de tatuagens bastante influenciados pela teoria Lombrosiana (DA CRUZ RIBEIRO, 1912). De acordo com as análises científicas, o maior número de tatuados estava na classe pobre, sendo desta camada social que procedia a maior quantidade de criminosos. Neste grupo eram comuns símbolos que expressassem ódio, vingança, morte, erotismo, símbolos religiosos, amorosos, etc. (cf. p. 53).

(...) B..., com 30 anos de idade, residente em Messiny, foi em Novembro de 1884 acusado de atentado ao pudor, sendo que as vítimas eram duas criadas. Submetido à exame médico-legal encontrou-se em seu pênis uma tatuagem representada por um diabo cavalgando-o. Interrogadas as crenças para saber se B... tinha mostrado o pênis, ellas responderam: este homem desabotoando a braguilha nos dizia insistentemente que queria nos mostrar o diabo. Devido estas afirmativas, foi o réu condenado a quatro anos de prisão pela corte judiciária<sup>35</sup>. (sic)

Meio século depois da teoria de Lombrosiana, a Psicologia dava uma nova interpretação à prática da tatuagem como traços de conflitos neuróticos, um tipo de masoquismo e de perversão egocêntrica. Na década de 1960 ainda se dizia que as pessoas que buscavam uma tatuagem eram sujeitos de pouca cultura e de baixa moral, com sensibilidade para a dor diminuída. Segundo Alvarez Licon (1998), o perfil da pessoa tatuada era definido segundo as seguintes características:

- A tatuagem é uma característica psicopatológica;
- Onde existe uma identidade como delinqüente e uma conduta de autodestruição;
- Onde o tatuador e o tatuado estabelecem uma relação sadomasoquista;
- Muitos sujeitos se tatuam, eles mesmos, já que têm uma necessidade de se autocastigar;
- A pesar de ser uma conduta que causará danos, aceitam se submeter a ela pela tendência ao autocastigo, pelos componentes sadomasoquistas e pelos sentimentos de culpa do tatuado.

---

<sup>35</sup> DA CRUZ RIBEIRO, Ângelo. Tatuagens: estudo médico legal. 1912. (Dissertação em Medicina legal e toxicologia). Faculdade de Medicina da Bahia, 1912, p. 27.

**Imagem de um condenado pelo roubo de jóias em Recife** (Acervo: DA CRUZ RIBEIRO, 1912)

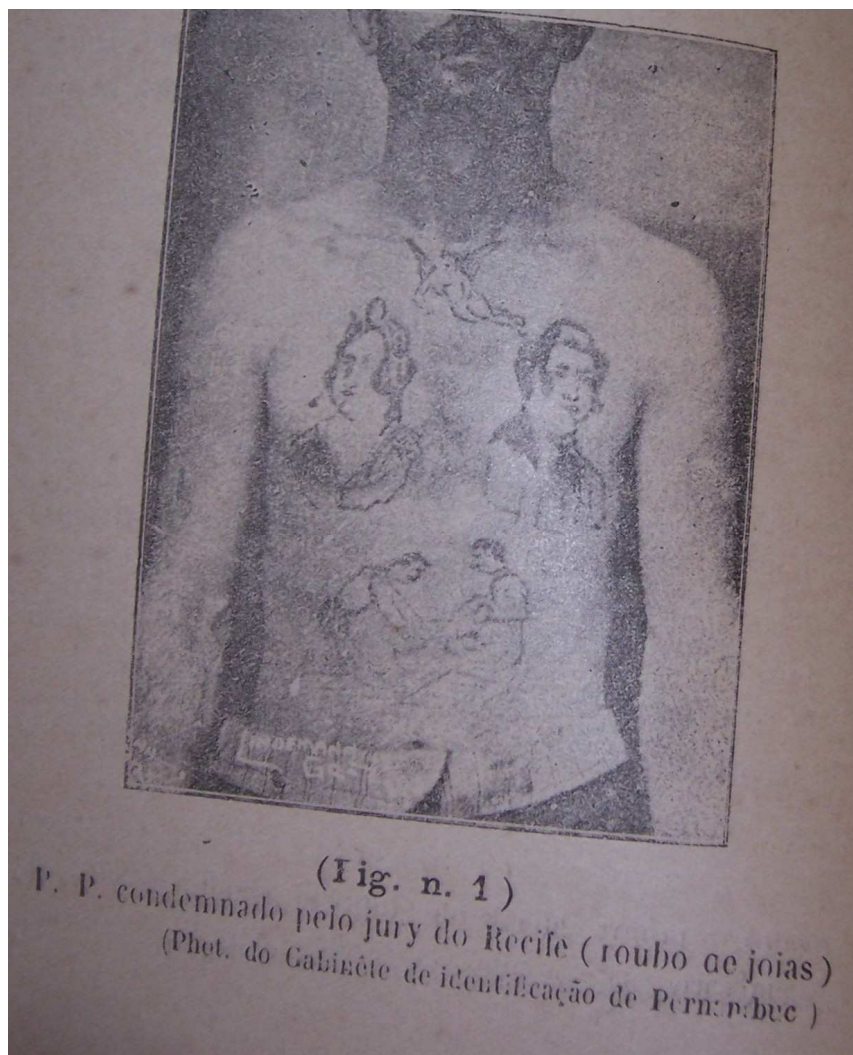


fig. 1 condenado pelo juri de Recife pelo roubo de jóias. Foto do gabinete de identificação de Pernambuco.

Atualmente estas teorias são profundamente criticadas e consideradas ultrapassadas, no entanto elas foram extremamente influentes numa determinada época e responsáveis pela leitura que a sociedade fez das marcas corporais. Por esse conjunto de razões – primitivismo, delinquência, problemas mentais –, pode-se afirmar que por muito tempo houve uma forte associação entre tatuagem e estigma que ainda hoje se faz presente em alguns contextos sociais, os quais serão explorados ao longo da Tese. Na contemporaneidade passou-se a falar em uma nova área do conhecimento, a psicologia da tatuagem, que analisa o caráter das pessoas a partir dos signos impressos na pele. Segundo esta abordagem, sempre que alguém faz uma escolha por uma tatuagem, também está sendo levada pelo seu inconsciente. A escolha do local do corpo onde será gravado o símbolo não é casual, mas expressam o que está oculto no interior da pessoa: o seu caráter e a sua personalidade<sup>36</sup>.

Como se pode perceber, determinados atos de modificar o corpo, principalmente a tatuagem foram assimilados no ocidente através do contato que o europeu estabeleceu com a alteridade. Na tentativa de explicar a diferença, o corpo foi o centro das análises científicas. As primeiras etnografias realizadas em regiões da África, América, Austrália, Polinésia, entre outros locais, eram levadas a cabo por antropólogos de uma tradição positivista, os quais colhiam algumas informações presentes nas sociedades tradicionais e as agrupavam sem distinção. Considerava-se esse tipo de sociedade um todo homogêneo, preservada de qualquer contato externo, um “laboratório” perfeito para as pesquisas de campo. Com o tempo, os antropólogos foram amadurecendo em suas reflexões, eliminando a idéia de uma dicotomia entre “primitivos” e modernos. Passou-se a considerar que culturas diferentes definem e enfatizam os seus valores de formas bem variadas. É por meio do corpo que cada sociedade constrói os seus significados. As formas de expressão, seja através de uma tatuagem, de uma escarificação transmitem uma linguagem particular, culturalmente valorizada. Os adornos corporais não são aleatórios nem dissociados, mas compõem um sistema simbólico específico cujo estudo permite a compreensão de valores culturais relevantes.

Na literatura antropológica, ou mais especificamente etnológica, grande é a ênfase sobre a importância cultural do corpo, particularmente através de suas representações em grupos ou sociedades culturalmente localizadas, preferencialmente não ocidentalizadas.

---

<sup>36</sup> CORREIA JÚNIOR, M. Tatuagem a alma marcada na pele. **Revista Planeta**. São Paulo, ed. 383, p. 20-27, agosto. 2004. ISSN 0104-8783

Um dos primeiros ensaios antropológicos sobre o corpo e suas manifestações sociais foi o de Robert Hertz (1970), em estudo sobre o simbolismo da preeminência da mão direita e sua relação com a forma com que a sociedade impõe suas regras. Segundo as suas observações, a predominância de uma das mãos é algo que tem relação com a forma com que a sociedade impõe suas regras. Sabe-se que alguns valores são atribuídos à direita e à esquerda. À direita correspondem os estímulos intelectuais, o bom senso, o caráter, a moral. Já com relação à outra, é exatamente o contrário, como: erro, esquisitice. Para o autor, isso se deve a fatores socioculturais, como as idéias religiosas. Suas conclusões foram de que as mãos quando treinadas, possuiriam o mesmo rendimento, assim como se uma pessoa acidenta uma das mãos, a outra a substitui muito bem.

Marcel Mauss (1974) defendia a hipótese de que o corpo se constitui num importante veículo cultural de comunicação, posto que nele se encontrariam impressos diferentes significações sociais. Segundo o autor, cada indivíduo carregaria consigo sua cultura que se expressaria, por sua vez, através das diversas formas de comportamento utilizado, como no andar, no comer, no beber, nas posições sexuais, etc. Outra importante reflexão antropológica aparece em Maurice Leenhardt (1977) em uma etnografia clássica na New Caledonia, *Do Kamo: Persona y el mito en el mundo melanesio*, em que trata do processo de individuação ou fixação da noção de um eu a partir da incorporação da categoria corpo entre os canaques na Melanésia. Segundo ele, até a chegada dos missionários esses povos não possuíam a palavra “corpo”, no final de suas pesquisas também trata da noção de “spirit” (alma) introduzida pelos europeus no pensamento indígena. A partir daí, Leenhardt desmistifica o estereótipo segundo o qual o corpo liga o lado da natureza e o espírito, o lado da cultura e da civilização, concluindo que o corpo não tem existência por si só, é apenas um suporte.

Partindo de um trabalho de campo entre os índios brasileiros, Lévi-Strauss (1996) desconstrói a idéia de que determinados costumes como as pinturas e as marcas corporais estariam relacionados com a “primitividade” e a selvageria. Fazendo uma reflexão a respeito dos simbolismos e significados que perpassam esses hábitos dos nativos, conclui que a pintura humaniza os indivíduos e, por meio deste ato eles estabelecem categorias sociais, operando-se a passagem da natureza para a cultura. O corpo humano é submetido a um processo de humanização e sua experiência é sempre modificada pela cultura. Marcas deixadas por escarificações, perfurações, tatuagens e mesmo algumas mutilações são sinais de pertinência, identidade social ao mesmo tempo

em que assinalam a condição autenticamente humana daqueles que as exibem. Investigando os índios Suyá do Xingu, Seeger (1980) comprova que os processos culturais são responsáveis, em grande parte, pela definição de padrões estéticos e da própria beleza corporal. Entre estes índios, as partes do corpo merecedoras de ornamentação mais elaborada são aquelas ligadas às faculdades socialmente mais valorizadas, neste caso a audição e a fala:

(...) os discos labiais ou auriculares estão claramente associados com a importância cultural atribuída à audição e à fala da maneira como são definidas pelos Suyá. Isso se conclui a partir do que dizem os próprios Suyá. Eles afirmam que orelha é furada para que as pessoas possam “ouvir-compreender-saber”. Dizem que o disco labial é simbólico de, ou associado com, agressividade e belicosidade, que são correlacionadas com a auto-afirmação masculina, a oratória e a canção<sup>37</sup>.

Com relação aos órgãos associados à visão e ao olfato (consideradas faculdades anti-sociais, a primeira típica dos feiticeiros, e a segunda, dos animais) não recebem a mesma ornamentação.

Como se pôde constatar ao longo do capítulo, a história das marcas corporais na cultura ocidental está impregnada de estigmas que foram se constituindo desde o contato do europeu com a alteridade. Com o tempo a tatuagem chegou ao ocidente por meio dos viajantes que se serviam das marcas talhadas na pele para se auto exibirem e contar histórias, alimentando a crença popular de que os “selvagens” eram perigosos e completamente diferentes de “nós”, realçando a dicotomia entre “primitivos” e modernos. Na tentativa de dar uma explicação científica para determinados comportamentos humanos, num segundo momento o indivíduo tatuado foi analisado por um prisma científico que o enquadrou como delinqüente ou “louco”.

Mas apesar dos estereótipos negativos, desde o século XIX alguns artistas vêm fazendo uma releitura das estéticas e rituais praticados em sociedades ditas “primitivas” para dar um novo enfoque à obra de arte. Além destes, um grande número de intelectuais preconizou um tipo de arte que deixava de estar presa ao museu para se implicar mais no social e no político. O panorama artístico do século XX questionava a pintura e a escultura como meios de representação privilegiados para dar ênfase, entre outras coisas, à natureza corporal como um prolongamento da obra de arte. Muitos abandonaram a adesão estrita às hierarquias tradicionais dos meios de expressão, para

---

<sup>37</sup> SEEGER, A. O significado dos ornamentos corporais. In: **Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras**. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 51.

adotar novos veículos inclusivos como: cine, vídeo, manipulação de imagens virtuais, etc.

No próximo capítulo, analisar-se-á a perspectiva de alguns movimentos artísticos de vanguardas, os quais através de suas manifestações romperam com os padrões hegemônicos da arte, dando origem a novas formas de criações, como por exemplo, as performances e a *body art*.

## Capítulo 2. Movimentos artísticos, performances e *body art*

Mediante a (re) significação de determinadas estéticas e ritos corporais não ocidentalizados, alguns artistas passaram a dar uma maior visibilidade aos movimentos das vanguardas da década de vinte, cuja proposta inicial foi redescobrir a função primitiva do teatro como herdeiro dos ritos tribais. Algumas obras e artistas se destacaram por retratarem uma natureza corporal comprometida com os temas das mutilações sacrificiais, como a lição de anatomia de Reambrandt ou a orelha cortada de Van Gogh. Antes de analisar tais movimentos vanguardistas e suas influências no campo da estética corporal e dos ritos contemporâneos, não se pode deixar de mencionar Antonin Artaud por ser considerado o pai do moderno teatro de vanguarda. Em 1938 o autor criou o *Theater of cruelty* (teatro da crueldade) bastante revolucionário para época e muito influente nos movimentos posteriores de performances (JONES, 1998). Considerando a arte como uma forma superior da realidade, uma das propostas do autor foi a renovação da atitude do artista e do poeta, como por exemplo, o espaço encenográfico que para ele poderia ser utilizado em todas as suas dimensões e aspectos, proporcionando ao público participar emocionalmente da ação.

Em meio às críticas recebidas pela destruição dos princípios convencionais do drama, seus escritos criaram debate por atestarem a atitude do ator comprometida com o corpo, a pele, o êxtase e os transe delirantes. O crédito em Artaud está numa reinvenção do teatro, conforme ele coloca: “El arte en lugar de reflejar pasivamente el mundo, es visto como una forma superior de realidad, en la que la vida material es una copia imperfecta de lo que consistirá en algo que, aunque pueda ser potencial, no está presente en la experiencia del hombre moderno. (...) el deposito de energias integrado por mitos que el hombre ya no encarna, queda encarnado en el teatro<sup>38</sup>”.

As manifestações artísticas de vanguarda floresceram numa época de conflitos sociais importantes. Em meio a Primeira Guerra Mundial (1915), nascia em Zurich o movimento artístico denominado de *Dadaísmo*, que se caracterizava pela atitude de rebelião contra o academicismo cultural e a situação social e política do momento (MARTEL, 2004a). As ações *dadaístas* questionavam, entre outras coisas, a natureza dos fenômenos estéticos, havendo um profundo desejo de transformação, conforme refere Tsara, um dos fundadores:

---

<sup>38</sup> ARTAUD *apud* INNES, Christopher. El teatro sagrado. El ritual y la vanguardia. 2 ed. México: Fondo de cultura econômica, 1992, p. 73.

(...) Dadá no ha intentado destruir el arte y la literatura sino la idea que nos habíamos hecho de ellos... Dadá preconizaba la confusión de las categorías estéticas como una de las maneras más eficaces de dar flexibilidad a este rígido edificio del arte... Dadá no predicaba, puesto que no había teoría que defender, mostraba verdades en acción, y como acción habrá que considerar lo que habitualmente se llama arte o poesía de ahora en adelante<sup>39</sup>.

Marcel Duchamp foi outra figura emblemática na afirmação de uma estética dadá, inclusive um dos primeiros a adotar uma estética pessoal própria, inscrevendo no couro cabeludo o signo estrelado. Combinando objetos cotidianos em esculturas obrigou a se questionar o que seria arte. (cf. p. 63).

Também utilizando o corpo como meio de expressão, no final da década de cinquenta, Ives Klein lançou na Europa um manifesto vitalício denominado *antropomotries* em que modelos desnudas entendiam seus corpos marcados de tinta sobre uma base de papel ou de tela. Tais marcas ocupavam as três partes do corpo humano: seios, ventre e baixo ventre. Para Klein eram as zonas orgânicas que escapavam ao controle do cérebro em seu funcionamento: os seios, a respiração; o ventre, a digestão; e o sexo, o orgasmo. (cf. p. 64).

Na década de sessenta, a arte-ação ou performance já não se relacionava exclusivamente à pintura, mas misturava teatro, dança e meios digitais como o cinema e o vídeo. Levando a cabo novas maneiras de expressão pautadas no próprio corpo humano, muitos *performes* criaram a *body art* que além do aspecto estético, tinha uma amplitude emocional e íntima que possibilitava a realização total. Segundo a cronologia, em 1968, Françoise Pluchart em *l'art corporel*, começa a usar a expressão arte sociológica. Em 1969 Vito Accioni executa *See throught*, um filme Super 8 de 5 minutos, em que quebra um espelho golpeando-o. Em 1970 se funda em Nova Iorque a revista *Avalanche* e Larry Smith pratica uma incisão em seu antebraço; nesta mesma revista, Acconci morde seu próprio corpo em *Trademarks* (marcas registradas) e *Waterways*, esculpe suas mãos. A expressão mais radical deste tipo de arte foi a de um grupo de artistas vienenses, os chamados “accionistas”, principalmente Herman Nitsch, Otto Muehl, Kurt Kren e Valie Export. Com repugnância à guerra, ao nazismo e rechaçando o modernismo aceito nos museus, tentavam criar uma arte pragmaticamente sensacional. Partiam do princípio de que por meio da destruição era possível criar e para isso os adeptos se manifestavam através da brutalidade, em performances que

---

<sup>39</sup> TZARA *apud* MARTEL, R. **Arte accion 1. 1958-1978**. Valencia: Ivam documentos 10, 2004a, p. 42.



remontavam a automutilação e a agressividade, não havendo limite para a criação artística (MARTEL, 2004a).

Em 1963, escrevia Muehl: “no puedo imaginar nada significativo alli donde no se sacrifica, destruye, desarticula, quema, perfora, atormenta, hostiga, tortura, mascara, apunhala, destroza o aniquila algo<sup>40</sup>”. Um de seus filmes considerado mais provocador foi *muchacho mierda* em 1969, no qual descreve graficamente atos de coprofilia. Para ele, aquilo que é considerado como perversos ou degradantes é um meio de escapar as limitações de costumes sociais. Chris Burden, outro artista, chegou muitas vezes a arriscar a vida em nome da arte. Seus trabalhos mais conhecidos são “Disparo” (1971), em que atira no próprio braço e “Suavemente por la noche” (1973), que é arrastado por uma rua cheia de cacos de vidro. Em *Ícaro* (1973) caído no chão de seu estúdio e diante de alguns amigos que serviam de público, escapa de se queimar enquanto se incendeiam as cortinas que estão penduradas ao seu redor (RUSH, 2002). Igualmente polêmica Gina Pane não se apresentava publicamente e usava uma câmera para filmar suas performances. Em uma de suas atuações se maquia com seu próprio sangue após se barbear. Segundo ela a dor seria uma forma de exteriorizar a própria violência e a respeito do significado da ferida, diz:

(...) Es un signo del estado de fragilidad extrema del cuerpo, un signo de dolor, un signo que pose de relieve la situación externa de agresión, de violencia, a la que estamos siempre expuestos. Se trata ¿como decirlo? de un momento radical, el momento mas cargado de tension y el menos distante de un cuerpo a outro, el de la herida... Herida, posición y alimento, funcionan en mi trabajo como un retrato robot de la carne del cuerpo<sup>41</sup>.

Também não se pode deixar de mencionar a atriz cubana Ana Medieta cujas próprias performances foram por ela interpretadas como metáfora do sacrifício e meio de expressar suas emoções e conflitos psicológicos mais íntimos. Assim como Gina Pane costumava utilizar seu corpo coberto de sangue como metáfora espiritual do sacrifício, como com uma finalidade catártica que transcendia a si mesmo. Relacionava as suas ações com a arte, com arquétipos de religiões e ritos primitivos. Seu objetivo era mostrar o quanto se perdeu da dimensão do corpo numa sociedade governada por

---

<sup>40</sup> MUEHL *apud* RUSH, Michel. **Nuevas expresiones artísticas a finales del siglo XX**. 2 ed. Barcelona: Destino, 2002, p. 56.

<sup>41</sup> PANE, G. **La chair ressucitée**. Colonia: Kunst station Sankt Peter, 1989, p. 25.

máquinas. Por meio de suas performances explorava temas referentes ao tabu e à transgressão social que se centravam no sacrifício e crime em torno do corpo da mulher.

Segundo Moure (1996), Medieta estabelecia um vínculo entre arte e sua função potencialmente transgressora. Em seus textos era consciente de que teria que escolher entre ser artista ou criminosa, revelando que a arte foi a sua salvação: “Sé que si no hubiera descubierto el arte, habría sido un criminal: Theodore adorno ha dicho: ‘todas las obras de arte son crímenes no cometidos’. Mi arte proviene de la rabia y desplazamiento. Aunque la imagen puede no ser una imagen muy rabiosa, yo creo que todo arte proviene de la rabia sublimada”<sup>42</sup>.

Na contemporaneidade destacam-se os trabalhos de Orlan que são considerados como modelo de crítica a determinados padrões de estética impostos à mulher na contemporaneidade. Desde 1974, a artista dedica-se a resculpir seu corpo mediante o tratamento digital de vídeo e a filmagem de operações cirúrgicas. Para ela, a pele não é mais que uma carapaça, pode ser modificada a qualquer momento. Seu objetivo não é um aperfeiçoamento estético da imagem e sim, transformar o corpo em obra de arte. Em *la reencarnacion de santa Orlan* (1991), transforma o que normalmente é um procedimento médico numa performance teatral, tentando distorcer a noção de perfeição fixa, produzindo um resultado diferente do convencional. Por meio de cirurgias plásticas e composições de computadores, Orlan combina características de seu rosto com alguns famosos do renascimento e pós renascimento: o nariz de Diana da escola de Fontainebleu, a boca de Europa, o queixo de Vênus de Botitelli, os olhos de Psyché de Gérôme e a testa de Monalisa.

Outro importante performer é Stelarc que com o objetivo de ampliar as funções internas do corpo através da tecnologia, fabricou artificialmente um terceiro braço que está acoplado ao seu corpo por meio do qual acessa circuitos eletrônicos de computadores. Combinando arte, corpo e prótese tecnológica, Stelarc discute os limites das tecnologias questionando o *status* biológico do corpo, que para ele é entendido como obsoleto e vazio. Na medida em que é invadido pela tecnologia, o corpo passa a ser passível de sensações viscerais, proporcionando uma (re) configuração do mesmo, a partir do momento em que a carne é invadida pelo metal, prolongando as noções de sujeito e de corpo. Para ele, não há mais limite entre o natural e o artificial, sendo cada vez mais comum a instalação de aparelhos eletrônicos ao corpo biológico

---

<sup>42</sup> MEDIETA *apud* MOURE, Gloria. **Ana Mendieta**. Barcelona: Polígrafa, 1996: 93.

(ZURBRUGG, 2000). Como se pode comprovar, tanto Orlan como Stelarc se interessam em redesenhar o corpo. Orlan testa os limites das novas tecnologias, alterando a aparência por meio de cirurgias plásticas. Stelarc explora a possibilidade de conexão entre o corpo e a máquina através de circuitos eletrônicos que conecta ao seu organismo. Os seus trabalhos são considerados por muitos como agressivos e provocadores, já que desestabilizam as noções clássicas a partir de um questionamento radical dos limites do corpo e da própria noção de ser humano.

Paralelamente a estas manifestações artísticas e em meio ao cenário de miséria e destruição do pós-guerra foram se formando pequenos bandos e se refugiando nas margens das cidades, dando origem a movimentos de “contracultura”, urbanos e localizados. Caracterizados por um estilo de vida que se voltava ao rechaço dos valores sociais, se manifestavam por meio de comportamentos considerados excêntricos e por uma estética própria inspirada na *body art*. No próximo capítulo serão analisados os *punks*, *hippies* e suas influências em gerações e estilos estéticos.

**Marcel Duchamp**

(acervo: FERRIER, Jean-Louis, 1990)



fig. 1 Marcel Duchamp com estrela no couro cabeludo

## Antropometries - Yves Klein

(acervo: FERRIER, Jean-Louis, 1990)

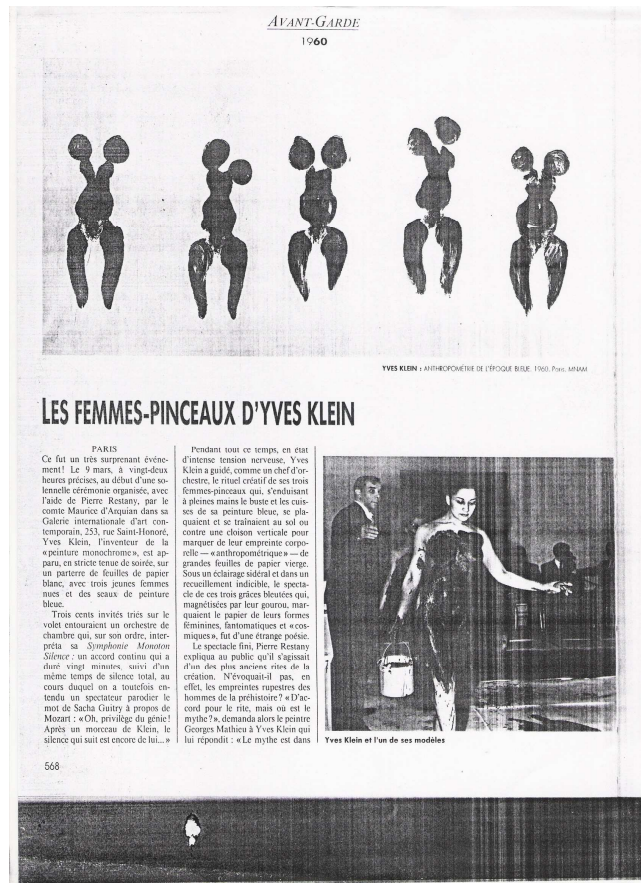


fig. 1 mulheres pintadas (blue Klein)

### Capítulo 3. *Hippies e Punks*

Nos anos 60, há uma ascendência do modelo norte americano que se difunde na Europa. O movimento *hippie* floresceu em meados da década de sessenta, inicialmente na Costa Oeste dos Estados Unidos notadamente em São Francisco, chegando depois a Londres. A partir de uma filosofia de vida associada à liberdade e ao prazer, os adeptos se utilizavam de alguns signos estéticos da *body art* como a tatuagem, a indumentária ou o penteado com a finalidade de fazer uma crítica aos valores sociais, promovendo o amor livre e o retorno à natureza. Além desses aspectos, o que chamava a atenção era o comportamento moral destas pessoas que vinham de distintas comunidades se reuniam em diferentes lugares do mundo, realizando festas denominadas “psicodélicas” como *Woodstok* em Nova Iorque, considerado o maior festival de música e arte da história que congregou uma média de 400.000 pessoas. Nestas ocasiões era comum o tributo ao amor livre, ao consumo de drogas, como o LSD, maconha, heroína, cocaína e o speed (methedrina). Pela disseminação de tal movimento, muitos cientistas sociais começaram a se interrogar a respeito do fenômeno como uma nova revolução cultural. (cf. p. 69).

Do “*Peace and love*” dos *hippies*, passa-se ao “*hate and war*” dos *punks*<sup>43</sup>, movimento que surgiu durante a crise econômica inglesa da década de 70, da qual restou muito desemprego e pobreza. Sempre se destacaram pela forma como provocavam os padrões clássicos da sociedade, sendo através do corpo e da própria estética que se expressavam e adquiriam uma maior visibilidade no contexto urbano. Assim como em algumas performances explicitadas anteriormente, entre os *punks* também era comum a auto-agressão ao corpo, que nesse caso se relacionava a muito mais à estética e a uma maneira de expressar revolta social. (cf. p. 70).

(...) Este grupo adotou um traje anárquico, louco, desesperado e rasgado, moda dramático e sentimental. O vestuário *Punk* era um traje-cenário: botas de couro, correntes, insígnias nazistas e tatuagem. O couro é o material nobre para o vestuário deste grupo. Como a pele é o couro de cada um, assim como se estampa um tecido ou camiseta, a própria pele que deve ser estampada em forma de tatuagem; é na pele que se sofre, onde estão os hematomas, por isso, a roupa-pele é rasgada: o hematoma da roupa. A agressividade do grupo é extensiva ao corpo de cada membro dele. Considerados sadomasoquistas, mostram esse gosto, usando pulseiras tacheadas, alfinetes de gancho, além de guitarras empunhadas como metralhadoras. As bandas Sex Pistol e Sid Nancy foram as primeiras estrelas desse movimento de estilo<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> Não se sabe a origem do termo *punk*, o que mais se aproxima é lixo, sujeira, podridão.

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/2006>>. Acesso em: 27. abr. 2006.

Mais do que afrontar a sociedade por meio da violência, os *punks* voltavam sua raiva contra si próprios com condutas auto-destrutivas. Numa época em que ainda eram pouco difundidos, o uso de *piercings* se destacavam como uma de suas principais marcas estéticas assim como as tatuagens, geralmente de formas agressivas, como caveiras, demônios, etc., além de outras formas de marcar o corpo como o *branding*, as queimaduras de cigarros e as escarificações.

(...) os punks escarificam seus rostos, penteiam-se e tingem os cabelos (com cores vivas); cortam o cabelo bem curto e de forma desordenada; enfiam múltiplos objetos nas orelhas, nariz ou bochechas. Cobrem-se de enfeites, maquilam-se e também escarificam as mãos, em suma, simulam as práticas ornamentais que precedem e acompanham as manifestações sagradas na maior parte das sociedades primitivas. Acrescentemos a utilização sistemática do vinil (rejeição do couro dos roqueiros, matéria demasiado nobre), sacos do lixo e roupas rasgadas e teremos feito, assim, praticamente a descrição da máscara punk, em sua essência, transgressiva, tal como ela se fixou<sup>45</sup>.

Por meio do corpo, se atentava contra as formas, se quebrava com a dignidade perturbando o olhar da sociedade inglesa ou americana. A cultura *punk* reunia a cólera e as frustrações de uma juventude confrontada com o desemprego, as dificuldades econômicas, etc. Tanto os *hippies* quanto os *punks* criaram moda, estilo e disseminaram uma estética própria em diversas partes do mundo. A indumentária, o corte de cabelo, as tatuagens, os *piercings* bem como uma infinidade de comportamentos que os adeptos adotavam foram introjetados por milhões de pessoas, homens e mulheres.

No Brasil, tais movimentos não tiveram uma inserção tão forte, se compararmos com os Estados Unidos e alguns países da Europa. Nesta época, a estética da tatuagem foi saindo dos meios considerados marginais e se incorporando principalmente no Rio de Janeiro, entre grupos de pessoas que valorizavam o contato com a natureza, como os surfistas, o que serviu de inspiração a poetas e cantores que dedicavam suas letras aos surfistas e às tatuagens:

---

<sup>45</sup> RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 169.

“Menino do Rio” (Baby Consuelo)

Menino do Rio/Calor que provoca arrepio  
    Dragão tatuado no braço/  
Calção, corpo aberto no espaço/Coração  
    De eterno flerte, adora o verde/  
Menino vadio/ tensão flutuante do Rio/  
    Eu canto pra Deus proteger-te/  
    No Havaí, seja aqui/  
Tudo o que sonhares, todos os lugares, as ondas dos mares/  
    Quando eu te vejo eu desejo teu desejo.../  
Menino do Rio/Calor que provoca arrepio/  
    Tome esta canção como um beijo.

Com a mundialização da economia de mercado na década de oitenta, houve uma série de mudanças na sociedade que geraram, entre outras coisas, um individualismo crescente nas grandes cidades e conseqüentemente um significativo enfraquecimento no ideal de alguns movimentos sociais coletivos da década de sessenta, que chegaram a desaparecer em alguns contextos urbanos localizados.

O mundo contemporâneo testemunha o desenraizamento das antigas matrizes de sentido, fim dos grandes movimentos ideológicos, dispersão das referências da vida cotidiana, fragmentação dos valores, etc. Neste contexto de desorientação, o indivíduo traça, ele próprio, os seus limites. Contrariamente aos anos 60, hoje cada ator é levado a uma produção de sua própria identidade que, muitas vezes, está pautada no corpo e na estética, sendo por meio dela que o indivíduo vai se distinguir dos outros e se reconhecer enquanto sujeito. Nos anos de 1980 assistiu-se a uma mercantilização e democratização da moda. Começa-se a consumir produtos para modificar a aparência na busca por um corpo perfeito, tanto por mulheres quanto por homens. As academias de ginástica tornam-se lugares de cultivo e construção de um corpo idealizado. Paralelamente a isto, com os meios de comunicação de massa e o advento da *internet*, passa a haver um bombardeio de imagens e divulgação maciça de informações através da rede. A mídia abriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, criando



modas, expandindo o consumo de produtos de beleza e tornando a aparência uma dimensão essencial da identidade para homens e mulheres (GOLDENBERG, 2002).

Com o objetivo de retardar a velhice, as pessoas estão investindo em produtos de beleza como cosméticos, cremes (auto bronzeadores, firmadores de pele, condicionadores e alisadores de cabelos, etc.), *lifting*, *botox*, cirurgias plásticas, entre outras intervenções oferecidas pelo mercado de consumo estético que prometem juventude, beleza e *sex appeal*, para todas as pessoas, como a campanha publicitária da *Dove* que investe no *marketing* de que a beleza é uma invenção midiática, buscando assim formas diversas do belo, passando a idéia de que toda pessoa deve sentir-se bem do jeito que é<sup>46</sup>. Em muitos dos casos, as tatuagens e os *piercings* entram com força no circuito do mercado de consumo, deixando de está associado a universos marginais e se transformando num estilo, incorporados a um grande mercado capitalista, passando a ser, em muitos casos, um artigo de luxo.

No próximo capítulo será analisado como a tatuagem, o *piercing* e outras técnicas de modificações corporais consideradas radicais (escarificações, implantes, etc.) se incorporaram a um mercado de consumo internacional que se expandiu consideravelmente e atualmente engloba pessoas de ambos os sexos, classes sociais e faixas etárias diversas. Para compreender tal fenômeno serão analisados os estudos de tatuagens e *piercing* e os seus significados para as pessoas que os frequentam.

---

<sup>46</sup> POSTREL, Virgínia. Esperança à venda. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 08 de abr. 2007. Caderno Mais, n. 784, p. 4.

## Hippies

(acervo: [www.karenlynngorney.com/hippies.jpg](http://www.karenlynngorney.com/hippies.jpg))



## Punks

(acervo: [www.greazefest.com/photos\\_gf\\_06/sunday%20Punters/Punks%20hair.jpg](http://www.greazefest.com/photos_gf_06/sunday%20Punters/Punks%20hair.jpg) )



## PARTE 2: MARCAS CORPORAIS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Capítulo 4. A internacionalização da tatuagem, do *piercing* e de outras intervenções corporais.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e a velocidade da informação digital houve uma divulgação intensa das diversas formas de modificações corporais, fundamentalmente da tatuagem e do *piercing*. Em consequência, observou-se um rápido crescimento das pessoas que passaram a transformar seus corpos. São os grandes centros urbanos internacionais e cosmopolitas (São Francisco, Nova York, Tóquio, Londres, etc.) os lugares de referência na modificação corporal atual. É onde se pode contemplar a maior diversidade, variedade e, sobretudo inovação no que concerne ao mercado de consumo que abrange: instrumentos especializados, (máquinas de tatuar, tintas, agulhas, diferentes tipos de materiais para *piercing*, alargadores de orelhas, ganchos de ferro, etc.) e técnicas (tatuagem, *piercing*, escarificação, corte de língua, distensão de pênis, implante, suspensão, etc.).

Enquanto a tatuagem e o *piercing* são signos mais usuais, já incorporados em alguns contextos sociais a um padrão de beleza contemporâneo comum em pessoas de ambos os sexos, de distintos segmentos etários e sociais, as outras técnicas somente começaram a aparecer há cerca de 10 anos e por isso, muitos dos especialistas e dos adeptos estão buscando centros de referência para se submeterem às mesmas. No caso desta pesquisa foi recorrente entre os interlocutores recifenses a menção a Madri, lugar onde há uma maior visibilidade no que se refere às práticas consideradas radicais ou extremas, se comparadas a Recife e até a São Paulo.

V., 32 anos, *perce*, prático em suspensão e modificador corporal, é a única pessoa em Recife que escarifica e faz *branding*, foi o primeiro a praticar suspensões corporais nesta cidade<sup>47</sup>. Apesar do seu reconhecimento entre as pessoas deste meio, não se sente satisfeito e sempre vai a São Paulo, a fim de aprender novas técnicas com André Fernandez, pessoa que segundo ele é muito conhecida no *body piercing* brasileiro, que faz performances, inclusive trabalha com a técnica de implantes, que no

---

<sup>47</sup> A escarificação, é uma técnica que consiste em cortar a pele (geralmente com uma lâmina) seguindo a forma de um desenho; o branding é uma técnica realizada a partir de uma lâmina de aço esquentada com maçarico.

Brasil ainda é restrita a poucos “profissionais”. Além disso, V. está juntando dinheiro e fazendo um curso de espanhol para ir algum dia à Madri, pois como ele mesmo costuma dizer: “há muita novidade em termos de modificações corporais”. A mobilidade extraterritorial é comum, faz parte do estilo de vida dos que lidam com o universo em questão. Muitos saem de Recife e migram para outros centros urbanos mais reconhecidos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Havendo oportunidade, nutrem a expectativa de irem a Madri. Nesta cidade a indústria das modificações corporais move um comércio importante. É grande o número de ateliês de tatuagens e *body piercing* espalhados pelo centro, muitas vezes administrados por pequenos empresários que se preocupam em fazer um grande *marketing* através de investimentos em publicidade e propaganda veiculados em cartões de visitas, revistas especializadas e *sites* de *Internet*. (cf. p. 73).

Nestes ateliês é muito comum a presença de imigrantes latino-americanos e, em menor número de brasileiros, trabalhando nas recepções ou como tatuadores e *piercers*, muitas vezes admitidos através de contratos temporários, o que representa para os donos maior lucro por se tratar de mão de obra barata. Atualmente tem sido sobretudo através dos *sites* de *Internet*, dos *blogs* e dos *fotologs*<sup>48</sup> que se colocam em contato com este meio e, mediante a possibilidade de conseguirem um trabalho, deixam seus países para imigrarem à Espanha. Contribui para a escolha deste país, primeiramente, e conforme eles mesmos, o idioma (castelhano) que no caso dos brasileiros é também um canal facilitador por se assemelhar ao português, em segundo lugar o que estimula é o aspecto financeiro, pois na Espanha se ganha mais do que em qualquer país da América Latina no tocante a tais práticas e, finalmente, pelo fato de Madri ser um centro internacional reconhecido no âmbito das modificações corporais. Uma vez estando na Europa alguns dos técnicos acreditam que têm maiores possibilidades de viajar para outros territórios e circular entre pessoas do meio, como uma forma de divulgação do próprio trabalho, uma maneira de aprender coisas novas e se aperfeiçoar em outras técnicas<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> O *blog* é um “sitio [web](#)” periodicamente atualizado que recopila cronologicamente textos ou artigos de um ou vários usuários, aparecendo primeiro o mais recente, onde o autor conserva sempre a liberdade de deixar publicado o que acredita ser pertinente. Habitualmente, em cada artigo, os leitores podem escrever seus comentários e o autor responder, de forma que é possível estabelecer um diálogo. O *fotolog*, é um variante do *blog* que consiste em uma galeria de imagens fotográficas publicadas regularmente. Muitas vezes se aceitam comentários em forma de livros de visitas que se referem à fotografia. Já o *Site* se caracteriza mais pelo seu conteúdo informativo do que pela comunicação entre o autor e os adeptos do mesmo (<http://pt.wikipedia.org/wiki/fotolog>).

<sup>49</sup>Um dos motivos pelos quais os brasileiros fazem a opção, na comunidade europeia pela Espanha, é pelo fato de Portugal não ser considerado um centro de referência em modificações corporais.

Cartões dos estúdios de tatuagens e *body piercing* (Recife e Madri)  
(acervo da pesquisadora)



Como neste universo não se faz necessário um diploma ou um *Curriculum Vitae*, o técnico costuma levar consigo o seu *book*, que inclui imagens de trabalhos pessoais fotografados além de desenhos e pinturas, no caso do tatuador. Depois que começam a trabalhar nos estúdios de tatuagens e *body piercings* muitos pensam em juntar algum dinheiro para voltarem aos seus países e abrirem o próprio negócio, como é o caso de Chapolin (32 anos), tatuador mexicano que está na Espanha há pouco mais de três anos trabalhando em um estúdio no centro de Madri, onde ganha, segundo afirma, uma média de 600 € semanais, o suficiente para viver e ainda economizar. Por estar completamente adaptado à Espanha, não pensa ainda em retornar ao México, a não ser de férias, no entanto, estima que à longo prazo voltará a viver e trabalhar em seu país de origem.

Já Chanok (31 anos), outro tatuador de nacionalidade mexicana, por ainda não ter conseguido os papéis regularizados que lhe permitam viver na Espanha, pensa em casar com sua namorada espanhola para ter a documentação necessária e até a nacionalidade por ele desejada. O caráter da rede de amigos é também uma estratégia recorrente entre os “profissionais” desse campo, como bem ilustra a fala do próprio Chanok: “... eu vim pra cá assim!... (dá um suspiro) ... porque me convidaram. Um amigo que fez aqui um festival de música. As pessoas que me convidaram, por meio delas eu tatuei muitos amigos”..... “porque quando cheguei não havia tantos estúdios aqui, agora tem muito mais. Nessa rua tem quatro, antes só havia um e era pequeno aqui em baixo”. Segundo o interlocutor, por conta do grande número de estúdios de tatuagem em Madri não há muita dificuldade para os estrangeiros em trabalhar como tatuadores. O maior problema está em obter um contrato permanente para residir na Espanha. Muitos dos imigrantes que trabalham nestes estabelecimentos não têm os documentos e para não ficarem como clandestinos são obrigados a retornarem a cada três meses aos países de origem, com a intenção de conseguirem um novo visto de turista, o que implica em custos financeiros e risco de não entrarem na Espanha. Apesar dessas dificuldades, o fato de ir a outro país tem uma repercussão bastante significativa entre as pessoas deste meio. Está num lugar considerado por eles como mais desenvolvido, onde se pode ter contato com outros “profissionais” e com produtos pouco veiculados na América Latina e no Brasil, é muito mais importante do que os problemas que possam vir a se deparar com a imigração. Como a mobilidade entre essas pessoas é tão comum, cruzar fronteiras não se constitui um empecilho, mas faz parte de seus estilos de vida.

Diferentemente dos estrangeiros, J., de 30 anos, espanhol, *piercer*, prático em suspensão e modificador corporal, queixa-se da concorrência entre os estúdios de tatuagens e *body piercing*, principalmente pela saturação de mercado. Segundo ele, os donos destes estabelecimentos estão dando oportunidade às pessoas menos qualificadas e fazendo com que os mais experientes tenham que buscar outros meios de sobrevivência, já que não é mais possível viver na Espanha somente das modificações corporais, que em sua opinião deixaram de ser reconhecidas como uma arte ou um estilo de vida, para se transformarem em um tipo de estética como outra qualquer. Compartilhando com a opinião do *piercer*, Chanok argumenta que as pessoas vão em busca do que diz a televisão, pedem a tatuagem do jogador de futebol David Beckham ou a pantera da Calvin Klein, o que em sua opinião é “extremamente frustrante”, pois a *tattoo* deixa de ser uma criação do técnico para se banalizar e se converter numa moda, em função das imagens veiculadas na mídia.

Isso tudo faz pensar que determinadas formas de modificações corporais, sobretudo a tatuagem e o *piercing* se tornaram na contemporaneidade mais um tipo de prática estética, uma *decoración del cuerpo* semelhante a qualquer outra, como por exemplo os cosméticos e os produtos de beleza de uma forma geral. O que antes era um signo que servia para demarcar uma diferença parece ser hoje um complemento para o visual que serve, entre outras coisas, para dar um toque de sensualidade e beleza.

Objetivando a compreensão dessas transformações sociais todas, no próximo capítulo serão analisados os estúdios de tatuagem e *body piercing*, desde o surgimento até as representações atuais para as pessoas que freqüentam e consomem os serviços oferecidos, tentando entender se tais espaços se configuram num modelo padrão de centro comercial presente nos grandes centros, tais como *El Corte Inglés*<sup>50</sup> ou funcionam a partir de referenciais alternativos que distinguem às modificações corporais de outras práticas estéticas.

---

<sup>50</sup> O *Corte Inglés* é uma das maiores cadeias de lojas de departamentos da Espanha



## Capítulo 5. Comércio e consumo

Antes de entrar no universo do mercado de consumo relacionado com as modificações corporais, não se pode deixar de ressaltar que a invenção da máquina elétrica de tatuar ou tautógrafo, em 1891, foi um marco, a partir do qual se operou uma mudança significativa na tatuagem, que se originou nos Estados Unidos e na Gran Bretanha, alcançando posteriormente outros países (LE BRETON, 2004). Substituindo as formas artesanais, era possível que várias agulhas trabalhassem simultaneamente e com maior velocidade, possibilitando o uso de diferentes cores, diminuindo a dor e transferindo com mais rapidez a tatuagem para a pele<sup>51</sup>. A partir de então houve um considerável aumento de pessoas que passaram a se tatuar: Em 1900, 90% dos integrantes da Marinha de Guerra dos EUA eram tatuados. Em 1936, estimava-se que 10 milhões de americanos, ou seja, 6% da população tinha pelo menos uma tatuagem. Em 2000, esse número cresceu para 15 % , sendo 22% dos jovens tatuados entre os 15 e 25 anos de idade. No final do século XX, o *piercing* se incorporou a este consumo inicialmente na Costa Oeste dos Estados Unidos quando foi inaugurada a primeira loja que comercializava jóias específicas em Los Angeles<sup>52</sup>.

Segundo informações pessoais, uma tatuagem é uma marca indelével, porque é uma espécie de ferida provocada em camadas profundas da pele que é penetrada por várias agulhas através das quais se injeta tinta na zona perfurada, criando um tipo de desenho. A razão pela qual a tatuagem dura tanto, é porque a tinta é injetada na derme, que é a segunda camada da pele, mais profunda que a epiderme (esta camada é a capa superior da pele que se produz e se renova ao longo da vida). As células da derme são estáveis e portanto a tatuagem é permanente<sup>53</sup>. Apesar dos métodos para a às vezes desejada remoção, são onerosos e deixam seqüelas, o custo mínimo para a retirada de um desenho de 5 cm é de 300 reais a sessão, sendo necessário, no mínimo, quatro visitas ao consultório para a devida cicatrização. As etapas também são demoradas, podendo-se chegar a quatro meses para se conseguir um bom resultado<sup>54</sup>.

---

<sup>51</sup> A máquina elétrica foi inventada por Samuel O' Reilly baseada num desenho de Thomas Edson, o inventor da lâmpada elétrica (LE BRETON, 2004).

<sup>52</sup> CARTA, G. Os caminhos da tatuagem: uma mostra investiga a misteriosa história da arte da gravar o corpo. **Revista Carta capital**. Ano IX, n. 203, p. 50-51, ago. 2002. ISSN 0104-6438.

<sup>53</sup> LOS TATUAJES, una forma de expresión personal. **Universia**. Salamanca, 16 de Mai. 2005. p. 21.

<sup>54</sup> RODRIGUES, P. Tattoo: mais que adereço, questão de atitude. **Diário de Pernanbuco**. Recife, 21 de set. 2003. p. C1.

Com o aumento do número de adeptos, as autoridades sanitárias se conscientizaram para a importância em regulamentar e legalizar estas práticas, instaurando normas e procedimentos técnicos que incluem desde o espaço físico próprio para a tatuagem e o *piercing*, aos materiais e meios adequados para sua aplicação, condições de higiene e outros cuidados apropriados, cujo objetivo principal foi o de evitar infecções ou qualquer dano à saúde da população<sup>55</sup>. Segundo os relatos dos agentes da Vigilância Sanitária de Recife e dos próprios técnicos, o mundo da tatuagem era “bastante marginal”, não havia nenhuma forma de controle. As pessoas não se preocupavam em utilizar materiais esterilizados e descartáveis, o que necessariamente ocasionou uma série de doenças, sobretudo de infecções. Bastante marginalizado, o tatuador trabalhava nas ruas ou em qualquer lugar onde houvesse pessoas interessadas, costumando levar consigo seu material de trabalho, que consistia na máquina de tatuar, agulhas, tintas e rolos de papéis com desenhos muitas vezes confeccionados por ele ou copiados de outros tatuadores, usados para atrair os clientes e motivá-los a se tatuarem.

(...) Conta-se que nesta época, no Rio de Janeiro, um tal Madruga é o chefe dos tatuadores e que quase todos os seus auxiliares são crianças vagabundas, que visitam prostíbulos, quartéis, fundos de tabernas e todo lugar que reina a ociosidade, em busca de clientes. O tal Madruga tem no seu corpo toda a idealização do seu cérebro doentio, desde a simples tatuagem religiosa ou amorosa, até as eróticas ou extravagantes<sup>56</sup>.

Dos poucos registros a respeito de tatuadores e de tatuagens encontrados, no *Amsterdam Museum Tattoo* os mais antigos são os desenhos pintados em papel pelo tatuador Lew Alberts em 1905, em que se chama a atenção para o fino detalhe do traçado, havendo destaque para figuras que representam morte ou pecado: caveira, diabo e serpente. Em 1935, os desenhos de Charlier Wagner enfatizavam as imagens tatuadas na época pelos marinheiros, pela presença do navio, de mulheres quase dentro d'água e de morte, simbolizada pela figura feminina que chora diante de um túmulo. Além disso, os pássaros e a borboleta que são símbolos muito relacionados à liberdade e ao renascimento. No final da década de 1930 aos anos 1950 Milton Zeis já anunciava como se poderia ganhar dinheiro sendo um tatuador, vendendo instruções feitas por ele sobre todo processo de tatuar, dos procedimentos aos materiais: tintas, agulhas,

---

<sup>55</sup> Ver: Anexo III.

<sup>56</sup> DA CRUZ RIBEIRO, Ângelo. Tatuagens: estudo médico legal. 1912. (Dissertação em Medicina legal e toxicologia). Faculdade de Medicina da Bahia, 1912, p.7.

máquinas e papéis para desenho. Em 1940, nos Estados Unidos, o tatuador Percy Waters comercializava desenhos em uma folha de papel que vendia a outros tatuadores.<sup>57</sup> (cf. p.83).

A *tattoo* prosperou na década de 70 e, aos poucos, foi se incorporando a lugares voltados a esta prática.

(...) Os anos 80 e 90 viram emergir uma preocupação de domínio do corpo, da gestão da aparência, de controle dos afetos. O indivíduo tornou-se produtor de sua própria identidade. Procura construir-se, fazer do seu corpo uma mais-valia, um porta voz da imagem que entende dar de si mesmo. A tatuagem conhece desde então uma difusão social crescente. O sinal na pele tem valor de decoração, traduz uma vontade estética em relação a si. Proclama a independência do indivíduo face ao social. De prática marginal e estigmatizante, a tatuagem passa pouco a pouco a ser valorizada e reivindicada como artística. Diz respeito a todas as classes sociais, não afasta as mulheres e a elas recorre cada vez mais. As tatuagens transformam-se em acessórios de beleza que contribuem para a afirmação do sentimento de identidade<sup>58</sup>.

Embora tenha ocorrido algumas transformações relacionadas a este universo, em Recife ainda é possível se deparar com os chamados “tatuadores da ponte de ferro<sup>59</sup>”, como Mister John Tatto (42 anos), que chama a atenção pelo aspecto descuidado, externado nas roupas sujas e no corpo completamente tatuado, cujas formas já indefinidas se espalham em sua pele enrugada e queimada pelo sol. Para poder sustentar a mulher e os três filhos ainda permanece no mesmo lugar onde tatuava no final dos anos 70: a Rua da Aurora às margens do Rio Capibaribe, local que outrora já foi ponto de encontro de artistas, tatuadores e clientes. Observando os *hippies*, aprendeu a tatuar e fez desse ofício o seu “ganha-pão”. Após a proibição da vigilância sanitária, as pessoas se foram. Somente ele e “Coração” (outro tatuador) insistiram em ficar, porém agora dividindo o lugar não mais com *hippies* e outros artistas, mas com mendigos, pedintes e guardadores de carro. Por meio das tatuagens de *henna*, de fotos e desenhos com trabalhos expostos nas árvores e nas calçadas, às vezes convence o cliente em fazer algo

---

<sup>57</sup> Disponível em :

<[<sup>58</sup> LE BRETON, D. \*\*Sinais de identidade:\*\* tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 20.](http://translate.google.com/translate?hl=es&sl=en&u=http://www.tattoocharlies.com/html/gary.html&sa=X&oi=translate&resnum=1&ct=result&prev=/search%3Fq%3D%2522museum%2Btattoo%2522%26hl%3Des.>. Acesso em: 07 abr. 2007.</a></p></div><div data-bbox=)

<sup>59</sup> “tatuadores da ponte de ferro” é o termo utilizado pelos tatuadores em Recife para se referirem aqueles que trabalham nas imediações da Ponte da Boa Vista, que é toda construída em ferro.

indelével, levando-o para uma sala alugada que utiliza para tatuar, garantindo assim a sua renda<sup>60</sup>. Mister John acha que com a proibição da tatuagem ao ar livre, as pessoas perderam a liberdade de escolher com quem se tatuar. Por conta da idade, não vê a possibilidade de trabalhar em outra coisa e se entristece ao dizer que a tatuagem virou um negócio e que o perfil do tatuador mudou. Segundo ele, quem tem dinheiro para investir abre um estúdio grande e moderno e quem não tem meios econômicos, sofre as conseqüências, como é o seu caso.

Em 28 de novembro de 2003 foi promulgado em Recife o Decreto nº. 20.165 que regulamenta a fiscalização e a Vigilância Sanitária dos serviços de tatuagens e adornos (*piercings*) e disciplina os locais apropriados para tais fins, anexando uma norma técnica que dispõe sobre os serviços e técnicas para sua realização<sup>61</sup>. No intuito de capacitar os técnicos, também passaram a ser oferecidos cursos, palestras e treinamentos. Enquanto o fiscal da Vigilância Sanitária acha que ainda há muita resistência por parte dos tatuadores e dos *piercers* com relação à legalização deste tipo de trabalho, os técnicos não se sentem motivados em participar das atividades oferecidas, por considerá-las desatualizadas e sem novidades<sup>62</sup>. Com a regulamentação das Leis e dos Decretos houve um aumento significativo de estabelecimentos especializados na tatuagem e no *piercing*, os quais foram se deslocando para os centros das cidades e adquirindo uma maior visibilidade. Segundo alguns dos técnicos entrevistados, a fiscalização provocou uma mudança significativa na forma de trabalho dos tatuadores e *piercers* que foram se conscientizando da responsabilidade de suas atividades. Muitos abandonaram determinados procedimentos que eram comuns neste meio, como o uso do anestésico injetável pelo tatuador no cliente para abrandar a dor das agulhadas na pele<sup>63</sup>.

Para Negrodo (31 anos), tatuador recifense, o trabalho da Vigilância Sanitária tem contribuído significativamente para a desmistificação de estereótipos negativos associados à imagem da tatuagem e do próprio tatuador, que por muito tempo preencheu o imaginário popular. Ao contrário de vários dos tatuadores entrevistados, ele é a favor

---

<sup>60</sup> Em contraposição às *tattoos* permanentes, a tatuagem de *henna* não é tão valorizada, considerada por muitos dos tatuadores entrevistados como um trabalho inferior.

<sup>61</sup> Em Madrid, a regulamentação se deu ainda mais tarde, no dia 08 de Abril de 2005.

<sup>62</sup> Ver: Anexo IV.

<sup>63</sup> Em caso dos fiscais se depararem com algum tipo de situação não permitida, como o uso de medicamentos ou falta de condições higiênicas adequadas, são aplicadas punições, que podem ir desde a auto-infração (sic) à multa, até a interdição do estabelecimento. Em Madri, o não cumprimento das normas é considerado uma infração administrativa, podendo ser objeto de sanção, que pode ir desde leves e graves, até a multa de 15.025,30 €.

das fiscalizações e das inspeções regulares nos estúdios como uma maneira de preservar a saúde dos clientes. Em sua opinião, os técnicos que não se empenharem em fazer a coisa da forma mais certa possível vão sair do meio, sendo da responsabilidade daqueles que ainda não cumprem as normas o descrédito reinante na sociedade em relação ao tatuador.

Com o tempo a tatuagem e o *piercing* foram saindo das ruas e se incorporando cada vez mais a espaços higienizados, que para muitos dos técnicos segue o mesmo modelo que uma clínica de estética médica. Negrado, por exemplo, compara a sua atividade a do profissional de saúde, pois da mesma forma que a pessoa tem o direito de optar por uma cirurgia plástica, também é livre para escolher tatuar seu corpo. Está convencido de que no momento em que regularizarem a profissão do tatuador haverá menos infrações neste meio e os tatuadores serão mais respeitados em suas funções. Com a difusão de estúdios de tatuagem e *body piercing*, muitos passaram a oferecer serviços e a comercializarem uma grande variedade de produtos voltados ao mercado de consumo estético que vem crescendo e se inovando, sobretudo nos grandes centros urbanos. Tem sido muito freqüente nesses últimos anos a incorporação da tatuagem e do *piercing* ao salão de beleza, à clínica de estética ou até aos grandes *shoppings*. Apesar disso, uma das características que ainda diferencia o estúdio de outros centros estéticos é a demanda do público que busca naquele espaço uma estética diferenciada .

Tendo em vista algumas peculiaridades observadas e para fins didáticos, decidiu-se subdividir os estúdios em duas categorias: a) Estúdios Comerciais; b) Estúdios Personalizados.

**a) Estúdios Comerciais:** Chama-se estúdio comercial todo estabelecimento que se volta a trabalhos mais comuns no que se refere à tatuagem e ao *piercing*, mas que podem englobar, também, outros serviços estéticos como: salão de beleza, massagem corporal, correção de cicatrizes pós-cirúrgicas, micro pigmentação, depilação, bronzamento artificial, etc. Como em qualquer estabelecimento comercial, o usuário é atendido pelo turno do “profissional”, muitas vezes não podendo escolher com quem vai se tatuar ou se perfurar. O técnico, por sua vez, trabalha por comissão e, em função disso, faz o que for necessário para atender o maior número possível de pessoas, não

havendo tempo muitas vezes de tratar com o usuário da responsabilidade e dos riscos que envolvem as intervenções no corpo<sup>64</sup>.

Os adeptos que procuram os estúdios comerciais, em maioria, são jovens entre 17 e 25 anos, considerados “imatuross” e “impulsivos” pelos técnicos, principalmente por não refletirem a respeito da decisão de marcarem seus corpos. Em menores de idade é muito comum que os genitores os acompanhem para se assegurarem do local, das condições de higiene, de esterilização e, principalmente, do técnico. Na opinião deles, os pais vão muitas vezes para testá-los e isto se dá por conta dos estereótipos antigos que ainda são bastante fortes em seus imaginários, sobretudo daqueles que fazem parte da geração dos anos 60, época em que o tatuador era considerado como uma espécie de delinqüente e o ato de marcar o corpo muito relacionado aos movimentos de “contracultura”<sup>65</sup>.

Por trabalhar num estúdio em Boa Viagem, a *piercer* recifense A1(25 anos) já se acostumou a introduzir *piercings* nos corpos de pessoas que vão ao ateliê prontas para irem à praia exibir os adornos na pele. Apesar de sempre adverti-los a respeito das contra indicações com relação à exposição ao sol ou ao banho de mar, A1 percebe que não há uma preocupação por parte de quem se submete ao procedimento com infecções ou qualquer outro problema, sendo a beleza e a estética o que mais importa, como ela mesma diz: “Veio uma menina aqui outro dia desesperada (faz um gesto negativo com a cabeça). Eu até me impressionei, porque ela tava agitada demais. Ela queria fazer um furo com V. (refere-se ao *piercer* que trabalha no estúdio). Eu disse: V. ta viajando. Eu nem disse a ela que botava *piercing* e ela: ‘tu fura?’. Eu balancei a cabeça e ela disse: ‘Fura? Então eu quero ir para praia amanhã!!!’. E eu disse: não!!! eu não tenho agulha adequada pra furar umbigo, a que eu tenho é mais fina. Mas ela não desistiu e insistiu perguntando: ‘mas dá pra furar?’. Eu falei: dá, mas demora mais. Ela disse: ‘então fura’. Furei (risos)”.

Em vista do perfil das pessoas que costumam freqüentar este tipo de estabelecimento, é muito comum encontrar indivíduos indecisos na hora de tatuar ou perfurar seus corpos e para ajudá-los há um grande acervo de catálogos e revistas com

---

<sup>64</sup> Na Espanha, o salário do técnico é por comissão, ou seja, os tatuadores ganham em função do que produzem, 40 % da tatuagem, no entanto há locais que chegam a pagar 60%. Já os *piercers* ganham um salário fixo de 500 € mensais e mais 1 € por *piercing*.

<sup>65</sup> Em 13 de Dezembro de 2002, foi promulgada no Recife a Lei nº. 16.818, estabelecendo a proibição quanto à aplicação de tatuagens e adornos em menores de idade, salvo com autorização dos pais. Todo cliente deve assinar um Termo de Responsabilidade afirmativo das suas condições de saúde para se submeter à tatuagem, que deve ficar arquivado por cinco anos no estabelecimento. Na Comunidade de Madri, por três anos, apenas.

inúmeras imagens de tatuagens para todo tipo de gosto, desde figuras pequenas e delicadas, como anjos ou borboletas, até desenhos mais agressivos: monstros, diabos, caveiras, etc. (cf. p. 84) A esse respeito da indecisão dos clientes comenta o tatuador recifense P (31 anos):

“Ta olhando o álbum, gostou do desenho, ‘eu quero esse desenho’, ele gosta do desenho, ele vai lá pelo que ele se identifica mais... tem gente que chega aqui procurando um duende e sai daqui com uma rosa... tem gente que chega aqui procurando um tubarão, saí daqui com um beija flor... totalmente diferente, então isso quer dizer que...não tem mais aquela coisa de fazer só dragões, fazer só serpente, fazer só caveira, não... hoje todo mundo faz de tudo”.

Antes de atuar diretamente na epiderme, o tatuador costuma fazer uma cópia do desenho escolhido pelo cliente e decalcá-lo em sua pele, com o objetivo de que ele se assegure de que é realmente aquilo que está buscando. Depois de decidido, por meio de sua máquina o tatuador vai perfurando a figura delineada. (cf. p. 85)

Com relação aos *piercings* é comum encontrá-los em diversos materiais (silicone, ouro, titânio, acrílico, aço cirúrgico, *teflon*), em várias formas (bolas, argolas, animais, flores, corações), em tamanhos e cores distintos, tudo distribuído em vitrines. Como se sabe, o *piercing* é um adorno bastante flexível e versátil, que pode ser aplicado em diferentes regiões, como: orelhas, nariz, sobrancelhas, lábios, língua, mamilos, umbigo, órgãos genitais masculinos (*ampallang* que atravessa na horizontal a glândula; *príncipe albert* que atravessa por baixo; *dydoe*, em torno da base da glândula para os homens circuncidados), órgão genital feminino (pequenos ou grandes lábios e no clitóris)<sup>66</sup>. (cf. p. 86).

---

<sup>66</sup> Em Madri, as tatuagens podem custar de 30 a 300 €, dependendo do tamanho, da cor e do local do corpo. Já os piercings variam em função do tipo de jóia e vão de 9 € (nariz, orelha, cartilagem), 18 € (“tragus” – parte externa da orelha, sobrancelha, língua, lábio, umbigo, peito), até 36 € (genitais). No Brasil, tanto a tatuagem quanto o piercing custam em média de 40 a 50 reais.

**Desenhos feitos por tatuadores (início do século XX)**  
(acervo Amsterdam Museum Tatto)

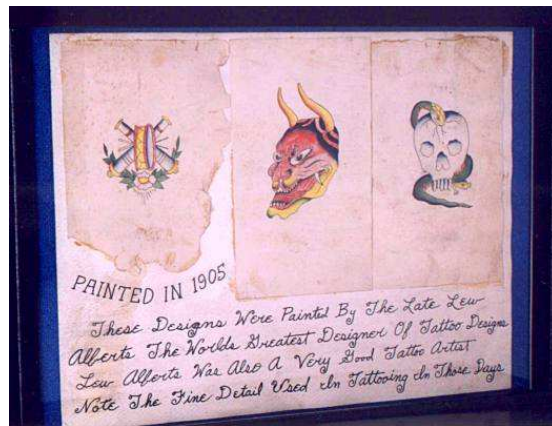


fig. 1 Desenhos de Lew Alberts (1905)



fig. 2 Desenhos de Charlie Wagner (1935)

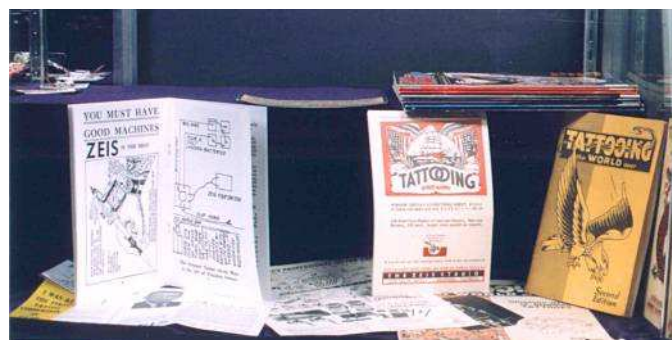


fig. 3 Instruções de Milton Zeis (1940)



**Catálogos de tatuagens**  
(acervo da pesquisadora)



fig. 1 catálogo de tatuagem de um estúdio comercial de Madri.  
categoria: monstros, diabos, caveiras.



fig. 2 catálogo de tatuagens de um estúdio comercial de Madri  
categoria: letras orientais

## Tatuador tatuando

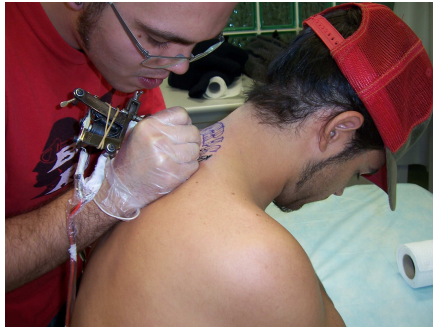


fig. 1 O tatuador tatuando um cliente  
Estúdio personalizado - Madri.  
(acervo da pesquisadora)



fig 2. O tatuador tatuando um cliente e sua mulher (do tatuador)  
observando. Estúdio personalizado - Madri.  
(acervo da pesquisadora)

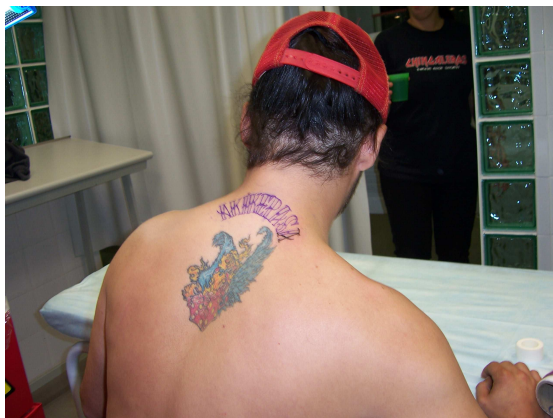


fig. 3 tatuagem pronta  
Estúdio personalizado - Madri.  
(acervo da pesquisadora)

**Aplicação do *Piercing***  
(acervo da pesquisadora)



fig.1 Yunik colocando o *piercing* no cliente do estúdio comercial em Madri



fig. 2 introduzindo o catéter no supercílio para a colocação do *piercing*



fig. 3 terminando de introduzir



fig. 4 *piercing* já introduzido

Apesar do *piercing* ter surgido no ocidente quase um século depois da tatuagem, perfurar o corpo é um tipo de prática bastante antiga em outras culturas:

(...)Una exploración de nuevas sensaciones a base de imperdibles en las cejas, argollas de ombligo, bolas en las partes (Palang). Los Veddas de la India se traspasaban el cuerpo cinco mil años antes de Cristo. Los Nunivak de Alasca se perforaban diversas partes para ser animales, no para imitarlos superficialmente. Como los Matis de la Amazonia peruana y brasileña, que se llenan la nariz de agujeros para meter ahí púas finísimas: buscan tener los mismos bigotes de jaguar. En el *piercing* destacan numerosas tribus de Papuasias que estiman las perforaciones del cuerpo humano con propósitos ornamentales. Se pasan colmillos de cerdo por el tabique nasal, o últimamente bolígrafos, y usan latas de caballa como pulseras. Por el choque cultural, algunos Masai llevan carretes fotográficos en las orejas y, si les caben, que a veces es posible de tanto estirar el lóbulo, hasta latas de piña<sup>67</sup>.

Diferentemente de quem usa o *piercing* por vaidade e estética, a pessoa que decide colocar um desses objetos no pênis, na glândula, na vagina ou nos mamilos e, em certos casos na língua, tem como objetivo principal proporcionar e intensificar as sensações de prazer durante a relação sexual. Neste caso, o *piercing* deixa de ser apenas um adorno estético voltado a atrair o olhar do outro para se tornar uma espécie de jogo daqueles que procuram cumplicidade erótica<sup>68</sup>. Apesar da sexualidade ser um fenômeno biológico, o erotismo faz parte do humano e por meio dessa capacidade, o indivíduo é levado a buscar um objeto para o converter em objeto de desejo. As partes do corpo que atuam como estímulo erótico são em grande medida sociais e estão influenciadas pela moda. (cf. p. 92).

B1, que não revela a idade, é um cabeleireiro costarricense que vive em Madri. Apesar de trabalhar no salão de beleza que faz parte do ateliê, passa a maior parte do tempo na recepção das tatuagens, assessorando os clientes e os tatuadores. Muito sedutor, gosta de chamar a atenção das jovens que frequentam o estabelecimento, parecendo sempre disponível para uma conversa ou uma paquera. Seu corpo adornado por *tattos* e *piercings* serve muitas vezes de modelo. B1. não hesita em exibir suas marcas e falar a respeito das mesmas. Certa vez, mostrando os seus *piercings*, abre a boca e aponta para a língua, em seguida diz: “Tenho esse na boca porque eu gosto. Os

---

67 Luis Pancorbo. Abecedario de antropología. Madrid: Siglo XXI, 2006, p. 417.

68 Assim como as tatuagens, muitos piercings foram usados por nobres europeus, como, por exemplo, o Príncipe Albert da Bélgica que, por levar um anel no pênis incorporou seu nome a este tipo de adorno. (BOLETÍN ANTROPOLÓGICO. Los Andes, n. 49, mai./ago. 2000. ISSN 1325-2610.).

outros seriam mais uma forma de estimular sexualmente. E isto eu gosto muito... sexo. Então, porque não fazê-lo? Por exemplo, eu faria um na sobrancelha ou aqui (aponta ao canto da boca), mas não por conta da bobagem que ta todo mundo fazendo. Me parece bem, na parte sexual (faz um gesto em direção ao seu Pênis, como se estivesse se referindo ao prazer genital). Se eu tenho uma namorada, eu daria a ela o maior prazer sexual possível. Igual comigo, se eu quero ter mais prazer sexual, pode ser com o *piercing*. Eu também recorro a essas coisas, porque eu acho que é sadio. Se você tem um namorado que sexualmente é bom, então queres que esteja contigo, também tens que dar algo, sabes”..... “E também todos temos gostos, fantasias e coisas que gostamos de provar. E porque não? Porque negar a tua namorada ou a quem quer que seja, não sei, algum gosto, algum desejo? Tem que ensinar a ela a jogar também”. B1. demonstra claramente no seu discurso que ao mesmo tempo em que o *piercing* se banalizou, enquanto uma estética que todo mundo faz uso na contemporaneidade, pode ser também um veículo de prazer sexual, e dependendo do local do corpo aplicado é prazeroso tanto para o portador do mesmo quanto para o parceiro. Neste sentido, o próprio espaço do estúdio oferece aos clientes mercadorias que se associam com a sexualidade, não sendo por acaso que ao lado da vitrine dos *piercings*, muitas vezes, estão expostos objetos eróticos como preservativos e jogos sexuais. (cf. p. 93).

Segundo a literatura especializada, a prática não é exclusiva do ocidente, no sul da Índia acredita-se que o verdadeiro prazer não pode acontecer se não houver a perfuração do pênis. Depois de furado com um instrumento pontiagudo, o jovem permanece na água até parar de sangrar. Para evitar infecção deve ter relações sexuais intensas por toda a noite. Nos locais perfurados são introduzidos pedaços de junco cada vez maiores, sendo a ferida lavada com mel. Atualmente, essa experiência também tem sido praticada em algumas cidades européias, norte-americanas e canadenses<sup>69</sup>.

De acordo com o que foi observado durante a pesquisa, também é possível constatar que há uma relação entre os significados associados ao *piercing* genital e o gênero. Para os homens era mais fácil falar a respeito e, em geral seus discursos apontavam para uma relação desses adornos com os signos de “masculinidade”, “força” e “potência sexual”. Já com relação às mulheres, parecia haver alguns tabus, inclusive por parte de *piercers* do sexo feminino, que mesmo lidando com este tipo de prática diariamente, sentiam-se envergonhadas quando se tratava delas mesmas, como diz A1:

---

<sup>69</sup> *Ibidem*.

“É engraçado porque quem vai fazer fica morrendo de vergonha. Eu queria fazer um, mas eu tenho vergonha de fazer. Eu namorando com V. não tenho coragem de fazer... não sei, é porque é tão constrangedor, você pensar que vai ficar pelada com a perna aberta pra colocar um *piercing* (risos)”. Ao mesmo tempo em que A1 se refere naturalmente ao *piercing* genital masculino, demonstrando inclusive que já tem suficiente experiência nesta prática, com relação às mulheres se recusa a perfurá-las nas partes íntimas, sente-se insegura, conforme diz: “Se chegar uma mulher pedindo pra eu colocar um *piercing* genital eu não vou fazer”... “Eu não tenho prática, tenho medo de pegar um vaso que não pode”.

Apesar dos técnicos serem orientados a não interferirem e respeitarem a escolha dos clientes, muitas vezes não se controlam. Muitos se sentem frustrados pela falta de criatividade dos mesmos e opinam na tentativa de convencê-los a mudarem de idéia e fazer algo mais original, principalmente no caso de uma tatuagem. Chanok prefere os clientes que se deixam aconselhar, acha que uma tatuagem pode ficar muito mais bonita se a pessoa dialogar com o tatuador, pois mesmo que traga uma cópia, ele pode personalizá-la, dando a mesma uma exclusividade. Mas isso dificilmente acontece num estúdio comercial, como reclama o tatuador acima referido: “As pessoas que vem aqui costumam tatuar coisinhas bem pequenas, quase imperceptíveis e sem a mínima originalidade... horrível, sem sentido nenhum”... “Eu às vezes fico tão p. que peço a outro companheiro que faça”.

Toda a epiderme é válida para que se criem desenhos, com exceção das mãos. Na visão dos tatuadores é um dos órgãos do corpo que mais troca de pele e uma das partes mais afetadas pelo sol. Assim como o rosto, é uma das regiões que a pessoa não tem como esconder, o que pode ser prejudicial em alguns contextos, principalmente no que concerne ao ingresso do indivíduo no mundo laboral. Entre os tatuadores não parece haver problemas, visto que a marca é também um signo de sua identidade, sendo muito bem aceita no grupo. Da mesma forma que não gostam de tatuar as mãos dos clientes, também não aconselham iniciais ou fotos de companheiros, por saberem de várias histórias de traições e rompimentos amorosos que ocorreram após a inclusão da marca no corpo. O tatuador já referido P. tem várias histórias curiosas a esse respeito. Em sua opinião, a pessoa só deve tatuar algo que gostaria de lembrar pela vida toda, como um filho ou até os pais, mas com o namorado ou com a mulher não há esta certeza, o que representa um risco para aquele que faz essa opção, como passou com um cliente seu: “... eu já vi casamento de 11 anos de um sargento aqui do Derby. Ele chegou aqui

querendo botar o nome da esposa dele, eu disse: não faça! Eu sei que cobreí cinco vezes o preço pra esse homem pra fazer um nomezinho. Aí ele fez! Depois de uma semana, exatamente uma semana, no outro sábado ele chegou: ‘dá pra apagar o nome dessa p. daqui do meu braço? Cheguei em casa ela tava com outro cara’. Eu te falei rapaz!!! Eu tenho pra mim que isso dá azar, eu nunca encontrei ninguém que fizesse e não se arrependesse”.

A fim de vigiar os funcionários, seus comportamentos e, sobretudo o trato com os clientes, nos grandes estúdios comerciais é comum o uso de câmeras de vídeo. Mas, apesar da aparente segurança por parte dos donos, eles são conscientes de que muita coisa foge de seus controles, principalmente dentro das cabines de tatuagens e *piercings* por serem locais que não se permite filmar, só excepcionalmente, em casos que o cliente e o técnico estejam de mútuo acordo. Este espaço é a sala do “profissional”, ali ele decora à sua maneira, com imagens de trabalhos seus e outras coisas de interesse pessoal. Símbolos religiosos se misturam com fotos de pessoas desnudas, grupos de rock, personagens televisivos, etc. Algumas cabines são limpas e organizadas, outras desordenadas, sujas, com objetos espalhados, manchas de sangue no chão, nas paredes, etc. Estas particularidades dão ao espaço um ar de informalidade, descontração e refletem a personalidade de cada “profissional”. É neste *locus* que se pode ter um maior acesso à intimidade dos interlocutores, é onde passam grande parte dos seus dias trazendo para dentro de tais espaços memórias de suas vidas, de seus cotidianos: fotos, músicas, objetos pessoais, etc. Na cabine o tatuador ou o *piercer* assumem o controle da situação. São eles que ditam as regras, chegam muitas vezes a negociarem o valor de seus trabalhos, independentemente das normas do estabelecimento. Em muitos casos, costumam iniciar a tatuagem no estúdio e terminá-la na própria residência. (cf. p. 94).

Para além da questão do poder coloca-se a sexualidade, as modificações corporais mostram a nudez. Naquelas salas privadas vivenciam momentos íntimos e secretos, em geral, irrelatáveis que guardam para si. Ali, o técnico tem contato com peles e partes íntimas, manuseia seios, ventres, bocas, vaginas e pênis. Neste sentido, trata-se de um trabalho delicado, em que há o contato físico com o corpo do outro, lugar de sua intimidade. O tatuador P., atualmente, já não se constrange mais em ter que tatuar determinadas zonas corporais dos clientes, conforme revela: “Eu levo tanto tempo trabalhando nisso, quando eu comecei sim, eu tinha aquele negócio. Pô, vou tatuar uma bundinha, vou tatuar um peitinho”... “pô eu era novo, tinha aquela idéia, hoje em dia eu já tatuei tanto que já me tornei um ginecologista”. Na opinião de Le Breton (2004), a

relação é algumas vezes vivida sob a forma de um contato sexual sublimado, citando alguns autores que comparam a tatuagem a um ato sexual entre um parceiro ativo e um outro passivo, que se conclui através da injeção de tinta na pele. Segundo o autor, há relatos que chegam a descrever casos de amor entre o tatuador e seu cliente, inclusive citando homens em que a tatuagem os levou a um orgasmo<sup>70</sup>.

É comum aos tatuadores e *piercers* se envolverem afetivamente com os seus clientes desde uma amizade até uma relação mais íntima. O *piercer* espanhol Paco (20 anos), revela que na cabine já fez de tudo: “... no momento em que se tem uma sala para si não há limite”. Segundo ele, já transou várias vezes ali dentro. O contato com o técnico é forte porque é raro entregar o corpo desnudo para receber uma marca, sobretudo quando é indelével. Chanok fez vários amigos por intermédio das tatuagens. Assim como Paco, também conheceu muitas mulheres. Com algumas chegou a se envolver mais intimamente como foi o caso da sua atual namorada, com quem vive há dois anos e meio, o que não o impede de conhecer outras garotas e se relacionar também. O contato com o corpo da mulher durante uma tatuagem é muito excitante para ele e, dependendo da reciprocidade da cliente não hesita em sair com a mesma.

A partir dos relatos das mulheres entrevistadas, a entrada no mundo das modificações corporais se dá geralmente através da busca pela tatuagem e/ou pelo *piercing*. Na maioria dos casos, começam a se relacionar com o técnico e a depender de como esta relação evolua, passa a haver uma imersão mais profunda neste universo. No caso de A1 sempre houve interesse de sua parte pela estética das *tattoos* e *piercings* e a partir daí ela conheceu V., que se tornou seu namorado. Com o tempo passou a trabalhar na recepção de um estúdio e, à medida que foi observando, aprendeu a introduzir *piercings*. Com o tempo, A1 também passou a ajudar V., tanto no estúdio quanto em trabalhos mais difíceis, como nas suspensões corporais, adquirindo independência financeira e autonomia. Algumas interlocutoras que são *piercers*, também acham que dentro do universo muitas passam a ser conhecida por intermédio de um homem e não pelos seus próprios méritos, até porque, segundo elas, muitos técnicos não admitem que se sobressaiam mais do que eles. Já a tatuadora belga E. (23 anos), não compartilha dessa opinião, pois se sente bastante respeitada no meio em que trabalha, pois mesmo sendo um universo essencialmente masculino, ela como mulher não tem problemas com os colegas tatuadores.

---

<sup>70</sup> LE BRETON, D. **Sinais de identidade**. Tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa, Miosótis, 2004, p. 219.



**Piercing genital**  
(acervo: www.BMEzine.com)



fig. 1 *piercing* genital feminino



fig. 2 *piercing* genital masculino

**Vitrine com *piercings* e objetos eróticos**  
(acervo da pesquisadora)

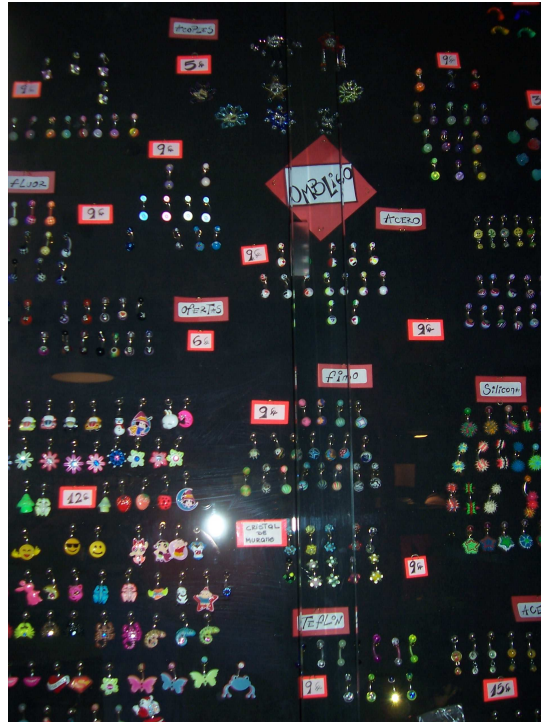


fig. 1 vitrine de *piercings* de um estúdio comercial em Madri



fig. 2 vitrine de objetos eróticos localizada ao lado da vitrine com os *piercings* em um atelier comercial de Madri.

**Cabine de tatuagem e *piercing* de um estúdio comercial de Madri  
(acervo da pesquisadora)**



fig. 1 teto e paredes da cabine



fig. 2 decoração da cabine



fig. 3 pia utilizada pelo técnico e cliente



fig. 4 cadeira do cliente

Atualmente, o universo da tatuagem, notadamente do tatuador, como bem se pode constatar, é basicamente dominado pelo sexo masculino, no entanto, rodeado por uma corte de mulheres que na maioria dos casos, estão instaladas nas recepções das lojas, exercendo trabalhos burocráticos. Apesar de não haver uma equivalência de tatuadoras se comparado aos tatuadores do sexo masculino, muitas já são donas ou gerentes de estabelecimentos, o que demonstra uma mudança de paradigmas dentro do universo de quem lida com este tipo de modificação corporal<sup>71</sup>. Os técnicos também costumam se deparar com todos os tipos de pessoas. Escutam histórias as mais distintas possíveis, aprendem a cada dia e conhecem diferentes mundos. Assim como cada tatuagem é única, cada cliente também, como assinala P.: “Então nesse meio onde a gente tem o convívio da tatuagem, a gente conhece ladrão, assaltante de banco, assassino, estuprador, conhece todo tipo de gente, mesmo que a gente não queira, mas são clientes, a gente não sabe quem é... eles acabam dizendo, porque ali dentro a gente se torna um confidente, se torna o melhor amigo deles, a gente ta trabalhando neles ali, puxa uma conversa, conversa vai e puxa outra e termina abrindo o jogo. Eu já fiz tatuagem em gente que tinha acabado de assaltar um banco, rapaz, eu olhei assim... ‘Eu assaltei de manhã e por isso que peguei essa grana e vim fazer uma tattoo’, eu, meu irmão olhe, vou rasgar sua ficha”.

Ainda que a relação seja breve, o técnico é em certos casos encarado como um iniciador. Depois de transformar seu corpo, muitos se sentem completamente metamorfoseados, vivendo, à sua maneira, um ritual de passagem, no qual acreditam que mudando a forma do corpo mudam, igualmente, a sua existência. A sala de tatuagem é também uma sala de aula, lugar onde o “profissional” aprende e, posteriormente, ensina seu labor, conscientizando outras pessoas para um universo bastante delicado, em que para poder desempenhar suas funções deve está preparado para lidar com seres humanos, aprendendo a respeitar as diferenças, os gostos, os estilos de vida, bem como os limites de cada um.

O uso da droga associado à dificuldade em lidar com regras por parte dos técnicos é um dos motivos de muitos dos desentendimentos com os donos e gerentes dos estúdios. Carmem (35 anos), gerente de um estúdio comercial de Madri, precisou repensar algumas condutas pessoais para poder lidar com os funcionários. Quando começou a trabalhar como gerente do estúdio, chegou a ser advertida por um dos donos

---

<sup>71</sup> Ver: Gráficos I e V.

para que não confiasse jamais nos técnicos, com a única exceção de um deles, que é de uma família de médicos. Para evitar grande rotatividade de funcionários, tenta adequar algumas regras em função do perfil das pessoas com quem trabalha, como por exemplo, permite o uso de haxixe desde que seja fora do estabelecimento, pois segundo ela: “é o café da manhã deles, sem isso, não produzem”. Por outro lado, mediante uma transgressão também os castiga em função daquilo que mais gostam, privando-os do horário do almoço ou os obrigando a trabalhar em dias de feriado, como coloca: “... eu acho que foi a maneira que consegui para eles não desobedecerem tanto, pois eu já não agüentava mais. Se eles passam muito dos limites, eu me vejo obrigada a demiti-los. Muitas vezes eu não me sinto bem por ocupar esta função, parece que minha tarefa é está descobrindo coisas, é está delatando, mas nesse meio é assim, acho que em todas as partes”. Carmem reconhece que trabalha com um universo de pessoas bastantes difíceis, que para ela vivem em um mundo bem particular.

A droga tem uma importante representação para as pessoas deste meio e a grande maioria faz uso. Para muitos dos tatuadores entrevistados, a maconha e o haxixe estão bastante associados com o ato de tatuar, notadamente com a inspiração para criar. Fora do estúdio é comum usarem drogas mais pesadas como cocaína, êxtase e álcool, que os deixa bastante debilitados no outro dia, muitas vezes até impossibilitados de irem trabalhar, pelos efeitos da ressaca, principalmente os tremores. Apesar de conseguirem facilmente quem os substitua nos momentos em que estão muito debilitados, se prejudicam por perderem dinheiro já que trabalham sob comissão como Chanok reconhece: “... eu já usei droga, muito tranqüilo. Eu não poderia vir trabalhar se usasse muito. Sim, depende como sais. Por exemplo, este sábado não pude trabalhar porque estava mal. Se estás mal, é melhor que não venhas e é isso. Outro dia eu saí, tomei todas, cheirei, fiquei doido. Cheguei super tarde em casa... Sim, vim trabalhar, mas fiquei dormindo aqui, não trabalhei. Disse a eles que não podia trabalhar. Foi tranqüilo. Eu perdi um pouco de dinheiro, pois eu ganho de comissão, mas tanto faz, eu me sentia muito mal”.

No caso dos clientes, o uso no momento de uma intervenção no corpo é uma maneira de relaxar e sentir menos dor. Enquanto alguns técnicos permitem a droga, inclusive fazendo uso juntamente com o cliente, outros dizem proibir pelas conseqüências que podem ocasionar, conforme assinala P.: “Aqui a gente não trabalha nem com gente embriagada, nem drogada. Se eu sentir cheiro de álcool, eu não trabalho. Porque prejudica o meu trabalho e ele vai fazer um desenho que ele não quer, porque se

ele ta sob o efeito de droga ou de álcool, ele vai olhar aquele desenho, ele vai gostar do desenho na mão dele, só que depois que o efeito da droga passar... ele: ‘p... pra quê eu fiz isso?’.”. Pela sua própria experiência, acha que a droga não minimiza a dor de uma tatuagem, pois segundo ele a pessoa tende a ficar até mais sensível depois que usa maconha ou bebida, verbalizando a esse respeito: “... eu fiz tatuagem drogado de pó, de cocaína, biriba... como eu tava fazendo as costas inteira, aí toda semana a gente fazia um pedaço, aí eu falei com um amigo: ó, toda semana eu to doidão de alguma coisa (suspira) eu nunca agüentava mais de meia hora. Num dia eu disse a ele: meu irmão, não vou mais usar droga não, vou fazer agora de cara. No dia que eu fui de cara eu agüentei cinco horas de trabalho, cinco horas tranqüilo, sem sentir dor, sem nada, então quer dizer o quê? Eu mesmo fui minha própria cobaia pra eu puder dizer aos meus clientes que sob o efeito de droga, dói mais, entendesse”.

Como se pode perceber, apesar da tentativa de controle por parte dos donos e gerentes, são os funcionários que ditam algumas regras entre eles, manipulando de certa forma o ambiente de trabalho. Muitos têm autonomia, inclusive para decidir a respeito da contratação de um técnico, na medida em que são eles próprios quem indicam os conhecidos, conforme se refere Chanok: “Quando o dono te contrata, ele não sabe como trabalhas, nunca sabe. Nós que estamos aqui falamos de outros companheiros e vemos detalhes, sua forma de trabalhar, o dono não sabe, não se inteira, não dá nem conta, o que interessa a ele é o dinheiro, o resto tanto faz. O que fazemos é cobrirmos por nossos amigos, para que não chegue alguém que não gostamos. Somos como um círculo, uma máfia. É só colocar amigos nossos. Por exemplo, eu vou viajar e vou deixar uma amiga, senão eu não sei quem ele chamaria”. Mesmo com todas as críticas por parte dos técnicos com relação aos estúdios comerciais por funcionar muito mais como um modelo de empresa, pode-se perceber que neste espaço o tatuador e o *piercer* têm uma função social. Além do mais, o fato de ter que cumprir com horários, normas e regras é uma maneira de controle por parte deles mesmos, principalmente com relação ao uso de droga, já que não é indicado tatuar um cliente em caso de estarem muito debilitados e, em vista disso, os próprios tatuadores e *piercers* reconhecem que não se deixariam tatuar por alguém que estivesse trêmulo e cheirando a bebida.

Conclui-se portanto que apesar de se tratar de um sistema convencional formado por regras e normas, o estúdio comercial se beneficia da fragilidade formal dos seus funcionários, visto que ao mesmo tempo em que eles – os donos – permitem uma grande flexibilidade com relação ao cumprimento das normas por parte de seus

empregados, estes deixam de receber direitos enquanto trabalhadores principalmente em se tratando de imigrantes, já que a formalização dos papéis de trabalho implicaria em prejuízos financeiros para os donos.

#### **b) Estúdios Personalizados:**

Ao contrário dos estúdios comerciais, os personalizados são considerados pelas pessoas desse meio como mais flexíveis, nos quais a equipe que trabalha, inclusive o próprio dono, é formada por pessoas que têm contato direto com o universo da tatuagem, do *piercing* e/ou das modificações corporais radicais. Segundo os técnicos que trabalham neste tipo de estabelecimento, ali se dá mais prioridade à qualidade do atendimento, que pode ser com hora marcada, tendo o usuário a liberdade de escolher com quem vai fazer o serviço. De acordo com o que dizem, como não se trabalha por comissão, costumam conversar com o cliente a respeito da decisão de modificar o corpo, esclarecendo as dúvidas, dando dicas a respeito do desenho e do local escolhido, bem como das formas de cicatrização e cuidados. Assim, tenta-se fazer com que o cliente saia o mais satisfeito possível, sendo ele o principal responsável pela imagem e propaganda do estúdio. Já nas entrevistas realizadas com os clientes, o principal motivo que os levava a optar pelo tipo de estabelecimento era o técnico que nele trabalhava.

J. um dos informantes já mencionados, iniciou seu trabalho com *piercing* num estúdio comercial na Calle (Rua) Montera. Depois de se tornar conhecido foi para um estabelecimento personalizado, tendo aí percebido a diferença entre os dois tipos de lugares. Segundo ele, nos estúdios comerciais o que importa é a quantidade e não a qualidade do atendimento, como reconhece: “Eu cheguei a fazer 80 *piercings* em um dia, isso é carnificina. Não se pergunta nada, se a pessoa tem algum tipo de doença, nada. Não vá pra estes estúdios senão não vais entender os verdadeiros significados da *body art*. A calle Montera f... a gente, desmoralizou nosso trabalho. São todos estúdios comerciais de má qualidade e péssimo trato com o cliente, mas com preços bem mais baratos, uma ofensa a *body art*, no começo estavam bem, mas agora estão horríveis... não se podem fazer coisas só pelo dinheiro!!!”.

O perfil do usuário dos estúdios personalizados é similar ao dos comerciais, com a exceção de que é mais comum se deparar com pessoas que vão em busca de algo original, muitas vezes da criação do próprio tatuador. As chamadas tatuagens “*free hands*” são mais caras por serem diretamente aplicadas na pele do cliente a partir da

criatividade do técnico e, segundo estes, trata-se de um tipo de trabalho completamente artístico, que nem todos os tatuadores são capazes de executá-lo. Segundo alguns tatuadores entrevistados, este tipo de tatuagem está cada vez mais comum, visto que muitas pessoas estão optando por motivos originais que se destaquem no corpo ao olhar do outro. Muitas vezes, a decisão em se tatuar é pensada e amadurecida, muito mais freqüente em pessoas que já não são tão jovens. A respeito do aumento da idade em que se busca modificar o corpo, os técnicos compartilham da opinião de que, contrariamente ao adolescente, que muitas vezes é inconstante, a pessoa madura tem mais segurança na hora de se decidir por uma tatuagem ou mesmo por um *piercing*. Dedé (advogado, recifense) resolveu aos 50 anos cobrir sua pele com tatuagens e, desde então não conseguiu mais parar: já tatuou os dois braços, o tórax e vai fazer as costas. Como é advogado e trabalha em um escritório bastante formal, leva sempre camisas de mangas compridas para que as pessoas não se inteirem da sua estética corporal. Apesar das dificuldades, a tatuagem representa para ele a liberdade que desde então não tinha alcançado em sua vida.

Apesar das distinções e particularidades entre os dois tipos de estabelecimentos, uma das características que mais chama a atenção é a incorporação naqueles estúdios personalizados de práticas de modificações corporais que são consideradas pelas autoridades sanitárias como ilegais, por colocar em risco a integridade do organismo. Os técnicos são bastante cautelosos ao falarem a respeito das mesmas e, em muitos casos, preferem omitir ou não fornecer informações. Segundo eles, não costumam exercer estas práticas livremente, somente em casos de pessoas confiáveis, como amigos ou parentes. Mesmo com as mudanças ocasionadas desde a regulamentação e instauração de normas e procedimentos técnicos para este tipo de trabalho, é freqüente que alguns funcionários, sobretudo o *piercer* que, neste caso, é também um modificador corporal, proceda de maneira própria no manejo de suas funções, tanto se submetendo quanto executando trabalhos que fogem completamente ao que é considerado legal. Apesar de saberem que qualquer tipo de lesão corporal é motivo suficiente para um processo judicial, muitos preferem arriscar. Entre as práticas mais executadas, destacam-se:

Escarificação – Vem do inglês “*scar*” e significa cicatriz. Diferentemente da tatuagem e do *piercing*, é uma técnica que consiste em cortar a pele, geralmente com um bisturi seguindo a forma de um desenho. Sarada a ferida, volta-se a abri-la várias



vezes, com o objetivo de que a cicatriz chegue a ser bem visível, o desenho ressalte sobre a pele e não se apague com o passar do tempo. (cf. p. 103).

Orelhas de gnomo – Como o próprio nome diz é uma técnica efetuada para deixar a orelha com o formato pontudo, para isto costura-se a parte de cima deixando uma ponta. (cf. p. 104).

Branding – Técnica realizada a partir de uma lâmina de aço esquentada com maçarico como as que se usam para marcar o gado cujo resultado são marcas em relevo na pele. (cf. p. 105).

Implantes Subcutâneos – Objetos fabricados em teflon, silicone ou titânio que são hipoalérgicos e introduzidos subcutaneamente, deixando uma ondulação com o formato do objeto na pele. Atualmente estão muito na moda em partes do corpo como braços, mãos ou pênis e, neste caso, a função principal é de provocar prazer durante a relação sexual. (cf. p. 106).

Distensão do Órgão Genital Masculino – Procedimento que tem o objetivo de alargar o pênis. (cf. p. 107).

Língua Bífida – Cortar a língua ao meio com bisturi no formato da língua dos ofídios. (cf. p. 108).

Paco, por exemplo, antes de qualquer procedimento, conversa bastante com a pessoa que vai se submeter a alguma intervenção mais intensa, como uma escarificação ou implantes. Procura saber se o cliente é alérgico a algo, se tem algum tipo de problema e, em caso negativo, testa a anestesia injetando aos poucos, pois tem consciência de que este tipo de medicação pode ser fatal. Também sabe como fazer para estancar o sangue. Assim dispõe de indicativos de que pode desempenhar as suas habilidades tranqüilamente. Entre estes técnicos também é comum o uso do estúdio de modificações corporais, como via de acesso à compra e venda de materiais proibidos, como os bisturis e anestésicos injetáveis. Além disso, esses espaços também são utilizados como intermediários para a prática das suspensões, seja através de reuniões para exercê-las em outros lugares, seja através do próprio espaço físico do estabelecimento, que pode funcionar como um local adequado a esta experiência.

Enquanto a tatuagem e o *piercing* se incorporaram a um tipo de estética aceita na sociedade, essas práticas não se configuram enquanto tal. Contudo, cresce o número de adeptos que começam a aparecer nos programas sensacionalistas de TV, em horários noturnos.

Apesar de extremas, na opinião de Paco, são intervenções que dão ao indivíduo a capacidade de controle da mente e dos pensamentos, dizendo a esse respeito: “Eu conheço quatro ou cinco pessoas que entendem da escarificação, não conheço muito mais, não é que pensem como eu, mas que compreendem. Tu me entendes se eu vou cortar uma perna? Não te parece estranho? Todo mundo é assim, ninguém entende, ninguém compreende”... “Cada coisa que faço utilizo o interior do cérebro, desenvolvo coisas que as pessoas não desenvolvem, quando tu estudas desenvolves uma parte da tua cabeça, tem gente que não estuda, não desenvolve, então eu ao fazer isto, desenvolvo”.

A partir deste percurso pelos ateliês de tatuagens e *body piercing*, pode-se afirmar que apesar das diferenças existentes entre os estabelecimentos comerciais e personalizados, ambos se configuram enquanto lugares de sociabilidade e de consumo estético. Como foi visto, muitos dos clientes que freqüentam os estúdios de tatuagem e *body piercing* vão com o objetivo de realçarem seus corpos e mediante as suas demandas de consumo há todo um acervo de produtos e serviços que são oferecidos com o objetivo de que satisfaçam seus desejos. Mas ao mesmo tempo em que muitos dos clientes estão fazendo uso dos serviços estéticos para realçarem seus corpos, outros também têm recorrido aos estúdios numa busca por resultados completamente distintos do que se considera como padrão de beleza no tempo contemporâneo. Fazer a opção em rasgar a pele, introduzir implantes ou cortar a língua é completamente contrário ao que a sociedade estabeleceu como modelo de estética. Devido ao aspecto inusitado dos corpos transformados ou à agressividade das técnicas utilizadas, que muitos consideram como masoquismo ou loucura, as práticas mencionadas costumam chocar, ao passo que as outras técnicas, como as lipoaspirações, os implantes de próteses, etc., são legitimadas pelo saber científico e dotadas de um número cada vez maior de pessoas em busca de uma aparência idealizada.

Como se sabe, atualmente é grande o número de pessoas que recorrem às técnicas mais diversas para retardarem o envelhecimento, emagrecerem ou ficarem mais bonitas. A cirurgia plástica, o *lifting*, o botox, os cremes anti-idade e muitos outros serviços passaram a ser um tipo de consumo quase que obrigatório para uma camada média e alta da população que se preocupa com os cuidados corporais, tanto homens quanto mulheres. Neste sentido, são os grandes centros comerciais como *El Corte Inglés* ou o *Shopping Center Recife* os lugares que colocam à disposição da clientela uma infinidade de produtos de beleza, os quais movem, atualmente, um grande

comércio nacional e internacional. Assim, pode-se concluir que o atelier de tatuagem se diferencia de outros centros comerciais enquanto um espaço de consumo alternativo, já que modificar o corpo com uma tatuagem ou uma escarificação podem ser formas de diferenciação na sociedade atual, pois no momento em que o indivíduo faz a opção pela estética alternativa ele escolhe se tornar diferente dos demais.

No próximo capítulo será analisado o quanto os meios de comunicação de massa, especialmente com o advento da *Internet* ampliaram consideravelmente o universo das modificações corporais, gerando uma maior visibilidade das diversas formas de estéticas, assim como de produtos que também passaram a ser veiculados, implicando numa expansão do espaço físico do estúdio de tatuagem e *body piercing* que se incorporou também à rede virtual. Além disso, essas tecnologias foram também responsáveis por novas formas de sociabilidade, nas quais através de *chats* ou de *blogs* e *fotologs*, as pessoas se colocam em contato com centros nacionais e internacionais e com outros técnicos e adeptos que compartilham de interesses comuns.

## **Escarificação**

(acervo da pesquisadora)



fig. 1 escarificação enviada pelo modificador corporal M 2 em Madri.



fig. 2 escarificação realizada por Paco em um cliente (Madri)